

CIBEC/INEP



B0029787

HISTÓRIAS KIRIRI

(=081)
673h

MEC/SEF
UFBA

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Presidente da República
Fernando Henrique Cardoso

Ministério da Educação
Paulo Renato Souza

Secretário Executivo
Luciano Oliva Patrício

Histórias Kiriri

(Fala dos Contadores e Escrita no Português Oficial)

MEC/SEF/UFBA

Brasília-DF 2000

Secretaria de Educação Fundamental

Iara Glória Areias Prado

Diretor de Políticas da Educação Fundamental

Walter Kiyoshi Takemoto

Coordenadora-Geral de Apoio às Escolas Indígenas

Ivete Maria Barbosa Madeira Campos

Endereço:

Ministério da Educação

Coordenação-Geral de Apoio às Escolas Indígenas

Esplanada dos Ministérios, Bloco "L" Sala 626

CEP: **70047-900** - Brasília - DF

Tel: (61) 410 8630 - 410 8997 - Fax: **(61)410 9274**

e-mail: cgaei@sef.mec.gov.br

**Histórias Kiriri : fala dos contadores e escrita no .
português oficial. / Brasília : MEC; UFBA, 2000.
131p. :il.**

**1.Cultura Indígena 2.Educação Escolar Indígena
I. Título.**

CDU37(=081:81)

Sumário

<i>Apresentação</i>	5
<i>Histórias de Abdias de Jesus</i>	
Os Amigos da Carochinha.....	10
O Caboclo Sonhador.....	18
A Cobra que virou Príncipe.....	28
O Reinado dos Bem-te-vis.....	36
<i>História de Jocimar de Jesus</i>	
História da Onça.....	59
<i>Histórias de Margarida Maria de Jesus</i>	
A Bestinha Sabida.....	62
A Garça Medrosa.....	66
O Inspetor Cururu.....	73
O Papagaio Católico.....	81
O Sagüim Falador.....	85
A Saída do Caboclo.....	89
<i>História de Vital Luis de Souza</i>	
José e Maria.....	94
<i>Histórias de Zacarias Antônio Leocádio</i>	
O Encantamento da Velha.....	118
As Trovas do Caboclo.....	122

Organização

Erimita Motta

Clélia

Côrtes

Colaboração

Jean Lacrevez

Margarida Motta

Revisão

Doralice X. Alcoforado e

Jean Lacrevez

Fotos

Maria Antonia Coutinho

Jean Lacrevez

Criação e Editoração Eletrônica

Rose Vermelho

Produção Executiva

Dóris Serrano

Esta publicação é resultado do Curso de Formação para o Magistério Indígena, promovido pela Universidade Federal da Bahia - Núcleo de Currículo, Comunicação e Cultura da Faculdade de Educação e Rede Cooperativa de Pesquisa e Intervenção em Currículo e Trabalho - Instituto de Ciências da Informação, Universidade do Estado da Bahia - UNEB e Fundação Nacional do Índio - FUNAI, com o apoio do Ministério da Educação, recomendada pelo Comitê de Educação Escolar Indígena no âmbito do Programa de Promoção e Divulgação de Materiais Didático-pedagógicos para Escolas Indígenas.

Apresentação

Desde 1995, em visita a Mirandela pela festa de sua reconquista, comecei a me interessar pelas histórias contadas pelos Kiriri. Nessa ocasião, cheguei a *gravar* duas delas do senhor Zacarias. Era um desejo de penetrar um pouco na cultura desse povo.

Mas, quando comecei efetivamente a gravar histórias para uma coletânea, tinha um objetivo definido: contribuir para o repertório de material didático da escola kiriri. É que eu e Jean Lacrevez nos sentimos implicados com a educação da comunidade kiriri, depois de termos acompanhado a pesquisa de mestrado de Clélia Cortes, apresentada em dissertação, em dezembro de 1996, sob o título *A educação é como o vento: os Kiriri por uma educação pluricultural*. A partir, então, de janeiro de 1997, passamos a ter encontros quase mensais, com o grupo dos professores participando do processo de construção de sua escola dentro de seus traços culturais. Fomos incentivados pela clareza de visão de educação dos Kiriri evidenciado por essa pesquisa.

Foram várias horas de trabalho com os 4 contadores, indicados pela população São eles: Abdias de Jesus (58 anos), Margarida Maria de Jesus (76 anos), Vital Luis de Souza (63) e Zacarias Antônio Leocadio (80).

Depois da primeira gravação e de uma primeira transcrição, ficavam as lacunas, trechos que não se ouviam bem e outros que *não* tinham sido concluídos. Em um, dois e, às vezes, três encontros, resolviam-

se esses problemas com o contador. Tentei ser fiel ao que registrei. Tive, entretanto, que colocar pontuação para facilitar a leitura e, assim, *não* pude evitar marcas de minha subjetividade.

Os títulos das histórias foram atribuídos pelos professores num processo de escolha grupai que envolveu reflexão e criatividade. Excetua-se *História da Onça*, contada e intitulada por um aluno, Jocimar, e escrita por sua professora, Mônica Jesus de Souza.

No final da fala do contador, em cada história, aparece a data em que a mesma foi contada.

Sete das histórias foram trabalhadas durante os encontros com os professores, duas delas com crianças de suas classes. Orientamos um tipo de atividade que envolvesse a leitura, a compreensão da história, a sua expressão em desenho, a recriação oral e escrita e o uso dessa escrita para a alfabetização. Conseguimos desenhos, fruto desse trabalho, que *anexamos aos textos correspondentes. Para duas das histórias, não os conseguimos.* Querendo tornar o livro mais atraente para as crianças, concordamos com a produção na colocação de desenhos que não são de autoria dos Kiriri, nas páginas 28, 47 e 73.

A decisão de apresentar duas versões das histórias, uma da fala transcrita do contador, outra em língua escrita, foi desencadeada pelos próprios professores. A leitura da fala proporciona o prazer de reencontrar o contador, conhecido de todos. Mas surgiu a preocupação em relação à língua que deve ser ensinada na escola.

Na adaptação da fala dos contadores à língua escrita do português oficial, as histórias passaram por uma mudança de código lingüístico considerando *as normas do português oficial.*

Essas histórias foram escolhidas, entre muitas outras gravadas, por não oferecerem muitos problemas em relação às crianças. A sua seqüência obedeceu à ordem alfabética dos nomes dos autores optando-se por

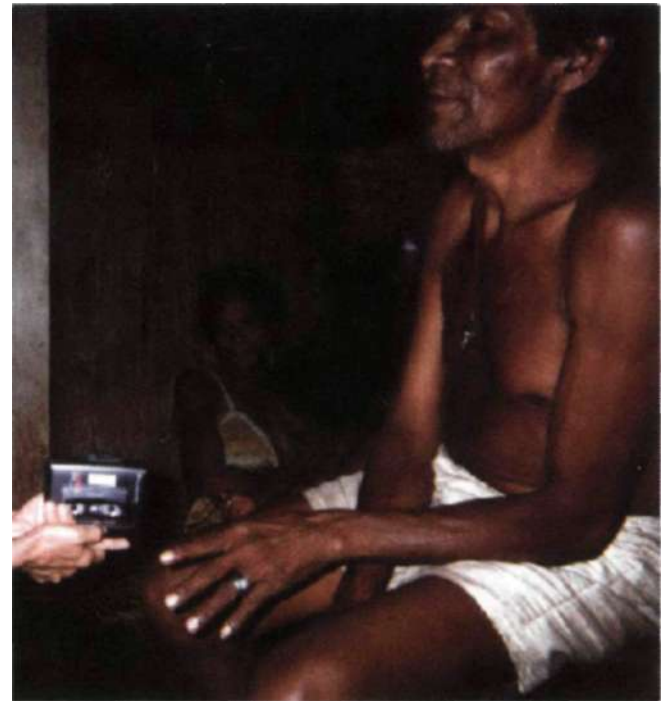
não colocá-las numa ordem de dificuldade crescente. Deixamos, assim, ao professor de cada nível a oportunidade de fazer sua escolha segundo os alunos que tem. As duas histórias maiores foram divididas em partes pretendendo-se, com isso, criar a possibilidade de contá-las em duas ou três vezes.

Não é objetivo deste trabalho discutir a origem dessas histórias. Segundo, entretanto, Doralice Xavier Alcoforado (autora da tese de doutorado *Belas Baianas: o feminino no conto popular* defendida em 1997 na Universidade Federal da Paraíba) e minhas leituras posteriores a sua observação, mesmo as histórias cuja temática é de origem européia, como *O Reinado dos Bem-te-vis* (a bela e a fera), sofreram ao longo do tempo, mudanças que as adaptaram ao contexto físico e cultural do povo que as reconta hoje.

Salvador, 22 de outubro de 1999

Erimita Motta

Histórias de Abdias de Jesus



Abdias de Jesus nasceu em 1939, *na* aldeia de Sacão. Seu trabalho foi sempre o de roça.

Os Amigos da Carochinha

Fala do Contador

Dona Carochinha era uma moça, o Rato era um rapaz. Aí aconteceu um casamento deles dois. O Rato era muito malino. Pra dar de comer à muié, saía pela casa dos cristão caçando de comer pra levar pra Carochinha. Foi quando aconteceu... Botaro uma panela d'água e o ratão foi também passar no beijo da panela d'água, aí caiu dentro. Aí morreu. Dona Carochinha ficou chorano. Aí cobriu de luto; inda hoje ela é preta. Aí ficou chorano. Aí a porta viu, disse:

- Dona Carochinha, o que é que a senhora tem que tá chorano?

Ela disse:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora toda hora.

A porta disse:



Desenho de Patrícia de Jesus dos Santos - 2º série

Entonce eu vou ficar abrino e fechano toda hora.

Aí ficou. O pé do arvre, o pé do pau viu a porta abrino e fechano toda hora:

- Porta, que é que ocê tem que abre e fecha toda hora?

Ela disse:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, porta abre e fecha toda hora.

Aí o pau disse:

- Entonce, eu vou cair minhas foia.

Aí caiu as foia. Ai naquilo, o galo chega:

- Pau, o que foi que você teve que caiu a foia?

O pau disse:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, porta abre e fecha toda hora e eu também caí as foia.

Aí o galo disse:

- Entonce, eu vou cair minha crista tomém.

Aí caiu. O capim perguntou:

- Galo, o que foi que você teve que caiu a crista?

Ele disse:

- Foi por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, porta abre e fecha toda hora, o pau caiu a foia, o galo caiu a crista.

E o capim disse:

- Entonce, eu tomem vou secar.

Aí secou. Naquilo, o boi veio comer o capim e o capim tava seco. O boi perguntou:

- Capim, o que foi que você teve que secou?

Ele disse:

E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, porta abre e fecha toda hora, e o pau caiu a foia, o galo caiu a crista, ele também secou.

Aí o boi disse:

- Entonce, eu vou cair minha ponta também.

Aí caiu a ponta. Aí o boi foi beber água no tanque. O tanque perguntou:

- Boi, o que foi que você teve que caiu a ponta?

Ele disse:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, porta abre e fecha toda hora, e o pau caiu a foia, o galo caiu a crista, o capim secou e o boi caiu a ponta.

E o tanque disse:

- *Entonce, eu tomém vou secar.*

Aí secou. Aí naquilo, vem o homem com as cabaça panhar água no tanque. Chegou, o tanque tava seco. Aí o home disse:

- *Tanque, o que foi que você teve que secou?*

Aí ele disse:

- *É por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, porta abre e fecha toda hora, e o pau caiu a foia, o galo caiu a crista, o capim secou, o boi caiu a ponta, ele tamém secou.*

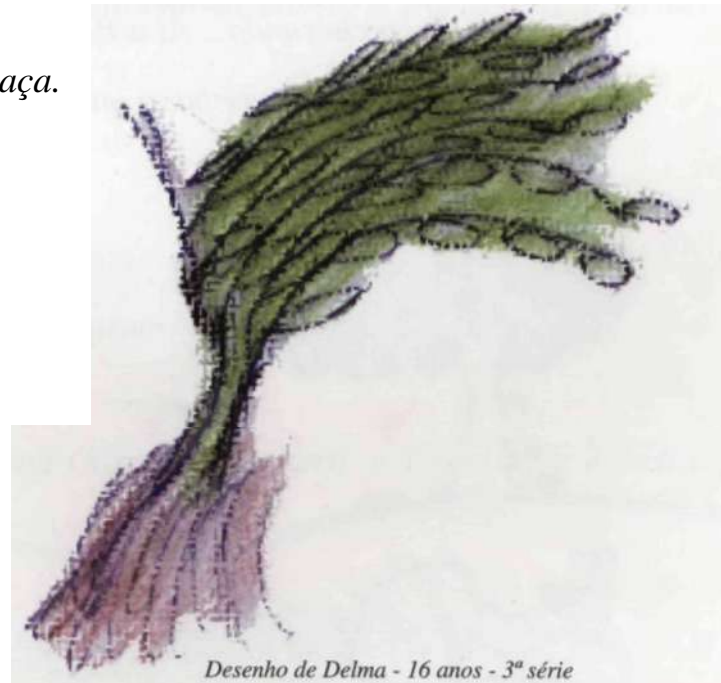
Aí o home disse:

- *Entonce, eu tamém vou quebrar minhas cabaça.*

E quebrou as cabaça.

Aí acabou-se a história.

(Em 20 de abril de ;997)



Desenho de Delma - 16 anos - 3ª série

Os Amigos da Carochinha



Dona Carochinha era uma moça, o Rato era um rapaz. Aconteceu o casamento deles dois. O Rato era muito malino. Para dar de comer à mulher, saía pelas casas dos cristãos procurando o que levar para Carochinha. Foi quando houve o acidente: botaram uma panela d'água e o Rato foi passar justamente no beijo da panela. Caiu dentro. Aí morreu. Dona Carochinha ficou chorando, cobriu-se de luto. Ainda hoje ela é preta. Ficou chorando... Aí a Porta viu e perguntou:

- Dona Carochinha, o que é que a senhora tem que está chorando?



Desenho de Sandra Jesus dos Santos - 10 anos - 2a série.

Ela respondeu:

- É por causa de dom Ratão que morreu. Dona Carochinha chora toda hora.

A Porta falou:

- Então, eu vou ficar abrindo e fechando toda hora.

E ficou. A Arvore viu a Porta abrindo e fechando toda hora e perguntou:

- Porta, o que é que você tem que está abrindo e fechando toda hora?

Ela respondeu:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, a Porta abre e fecha toda hora.

Aí a Arvore disse:

- Então, eu vou deixar cair minhas folhas.

Aí as folhas caíram. Naquele instante, o Galo chegou:

- Arvore, o que foi que você teve que suas folhas caíram?

A Arvore respondeu:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, a Porta abre e fecha toda hora e eu também deixei cair as folhas.

Aí o Galo disse:

- Então, eu também vou deixar cair minha crista.

A crista caiu. O Capim perguntou:

- Galo, o que foi que você teve que sua crista caiu?

Ele respondeu:

- Foi por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, a Porta abre e fecha toda hora, a Arvore deixou cair as folhas e o Galo deixou cair a crista.

E o Capim disse:

- Então, eu também vou secar.

E secou. O Boi veio comer o Capim e o Capim estava seco. Ele perguntou:

- Capim, o que foi que você teve que secou?

Ele respondeu:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, a Porta abre e fecha toda hora, a Arvore deixou cair as folhas, o Galo deixou cair a crista e eu sequei.

Aí o Boi disse:

- Então, eu também vou deixar cair minha ponta.

E deixou cair a ponta. O Boi foi beber água no Tanque e o Tanque perguntou:

- Boi, o que foi que você teve que sua ponta caiu?

Ele respondeu:

- E por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, a Porta abre e fecha

toda hora, a Arvore deixou cair as folhas, o Galo deixou cair a crista, o Capim secou e o Boi deixou cair a ponta.

E o Tanque disse:

- Então, eu também vou secar.

E secou. Veio o homem com as cabaças apanhar água no Tanque. Chegou, o Tanque estava seco. Aí o Homem perguntou:

- Tanque, o que foi que você teve que secou?

Ele respondeu:

- É por causa de dom Ratão que morreu, dona Carochinha chora, a Porta abre e fecha toda hora, a Arvore deixou cair as folhas, o Galo deixou cair a crista, o Capim secou, o Boi deixou cair a ponta e eu também sequei.

O Homem disse:

- Então, eu também vou quebrar minhas cabaças.

E quebrou as cabaças.

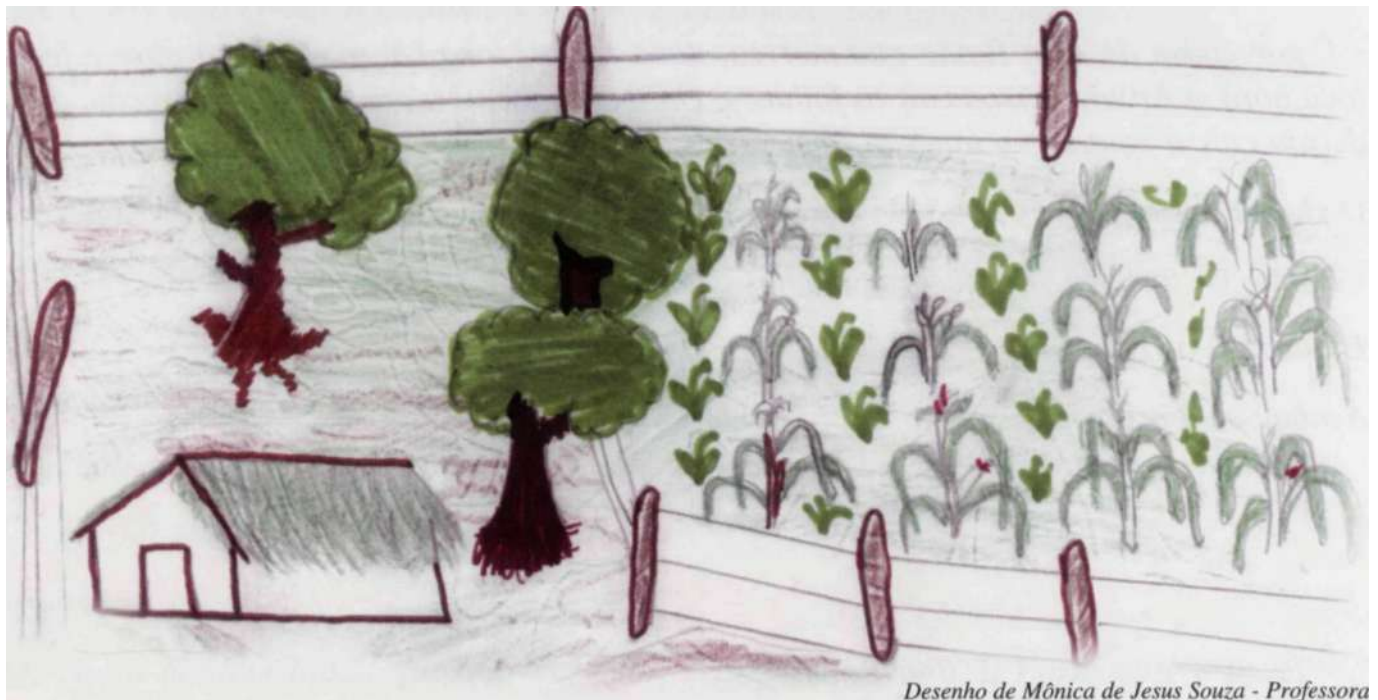
Acabou-se a história.

O Caboco Sonhador

Fala do Contador

O caboco morava mais o branco. O branco era boiadeiro e o caboco era tangedor. Aí quono aconteceu, eles andavam viajano. Aí passaro numa arruada, uma hora dessa mais ou meno, de tardinha. Aí o caboco avistou um pé de laranja bem enfeitado lá num quintal dum morador da rua. E viajaro. Quano parou, o patrão disse:

- Caboco, agora vamo arrodear o gado, vamo drumir aqui mesmo.



Desenho de Mônica de Jesus Souza - Professora

Já braiano o dia com a noite. Aí o caboco disse:

- *Meu amo, eu vou vortar naquela rua.*
- *Caboco, ocê tá doido? Num vá lá não que ocê morre.*
- *Eu vou, meu amo. Eu vi lá uma coisa. Meu amo viu ?*

Ele disse:

- *Num vi não, caboco. E o que é, caboco?*
- *Eu vi lá um pé de laranja e eu vou lá.*
- *Caboco, ocê vai morrer. O dono lhe mata.*

Ele disse:

- *Não. Eu vou sim. Se eu morrer, morri.*

Soitou. Viajou. Ele disse:

- *Daqui pra uma hora da manhã eu chego.*

Soitou. E viajou, viajou, dava umas três légua de onde eles foro aboletar para drumir. Aí quano foi... Deu uma hora, o home esperou, nada do caboco. Aí o caboco chegou lá, subiu no pé da laranja, ficou lá em cima. Agora, descascano a laranja, espetano as casca nos espinho, lá mesmo chupano. Aí, quono foi lá... doze hora da noite aí, o senhor me descurpe a palavra, aí deu doze hora da noite, aí saiu uma moça e um rapaz da porta do dono da laranja: a moça com a esteira no braço e o home todo encapotado arrodado de bala e era coisa e... Aí a moça disse:

- *E, eu vou lhe entregar mas, se você fizer mal a eu e me deixar no mundo, eu vou lhe entregar Aquele (apontando para cima).*

Aí o caboco disse assim:

- Você vai entregar ao diabo, não a eu.

Eles aqui dispararo no mundo, deixou a roupa, deixou o cinturão de bala, deixou todo armamento, deixou carroça, deixou a bolsa do dinheiro, deixou tudo aí. Escapuliu no mundo. O caboco desceu da laranja, pegou a cartucheira, botou na cintura, pegou o pacote, embrulhou, pegou a bolsa, botou embaixo do braço e manheceu o dia na rua. O dia manheceu e o patrão disse: "Perdi meu caboco. Mataro." Já o sol. Deu oito hora do dia aí o home disse: "Eu vou atrás de meu caboco pra ver o que foi que aconteceu." Aí ele foi. Quano chegou lá, o caboco tá lá sentado no balaüstro, a bolsona dum lado, encapotado, o cinturão de bala na cintura... Aí o home chegou:

- Caboco, donde você achou isso aí?

- Aqui foi que Deus que me deu.

Aí ele disse:

- Caboco, pensei que você tinha morrido. Vamo embora?

O caboco disse:

- Meu amo, só lhe acompanho, porque é meu amo. Mas d'agora em diante, eu... Até ontem eu era seu tangedor e, de hoje em diante, eu sou... Eu vou comprar sua boiada, porque eu tenho dinheiro.

- Tem mesmo, caboco?

- Tenho. Repare aí nessa bolsa aí. Tudo é dinheiro.

Aí o home reparou:

- E mesmo, caboco. Eu vou lhe vender minha boiada. Eu agora vou ser seu tangedor e eu...

Até ontem eu lhe mandava mas hoje você vai, você vai me mandar.

- Tá bom.

Soitaro. Viajam, viajaram, viajam. A boiada já era do caboco. Soitaro e soitaro e soitaro... Aí quando chegam em casa, aí o caboco:

- Muié, agora nós támo rico.

-Donde achou?

- Foi Deus que me deu. Comprei a boiada do meu amo, e agora nós támo rico.

E o patrão botou um roçadão; cabou, encheu de abobra. Quando as abobras estavam tudo maduras, a roça estava completa de abobra, aí ele disse:

- Caboco, vamos trocar essa roça de abobra nessa boiada?

Ele disse:

- Vamos.

E num trocou a boiada na roça de abobra! Trocou. Aí passou-se, passou-se, passou-se... Aí o homem disse:

- Caboco, vamos fazer um negócio?

Ele:

- Vamos.

- Nós vamos pegar uma aposta pra gente ver quem obra mais bonito.

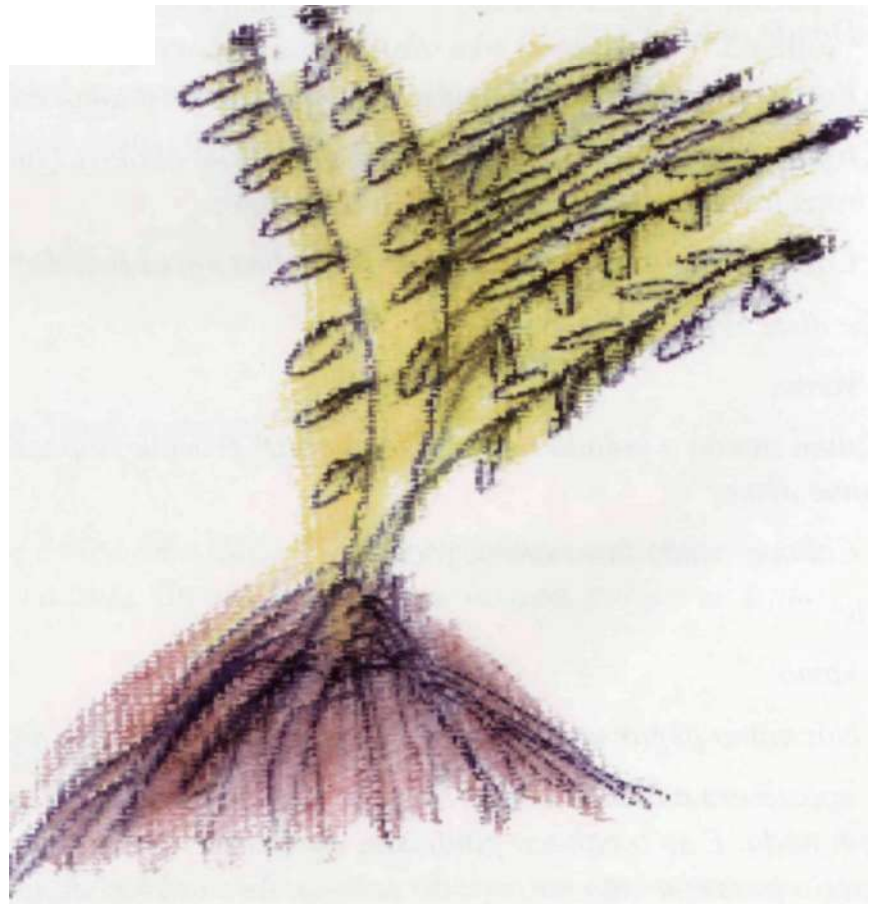
A aposta era a boiada com a roça. Se o caboco perdesse, quer dizer que perdia a roça, ficava sem nada. E se o caboco ganhasse, quer dizer que ganhava a boiada de novo e a roça. Ele queria passar a mão na roça do caboco. Aí o caboco disse:

- Vamo.

Bom, ele picou o pau: comeu arroz, comeu essas coisas boa. O caboco picou o pau, comeu abobra Juruá. Quano foro justificar a aposta, qual era a obra mais bonita? E o caboco fez tudo vermeinho, tudo de abobra. Pronto, aí ganhou a boiada de novo. E a roça de abobra.

E por aí acabou-se a história.

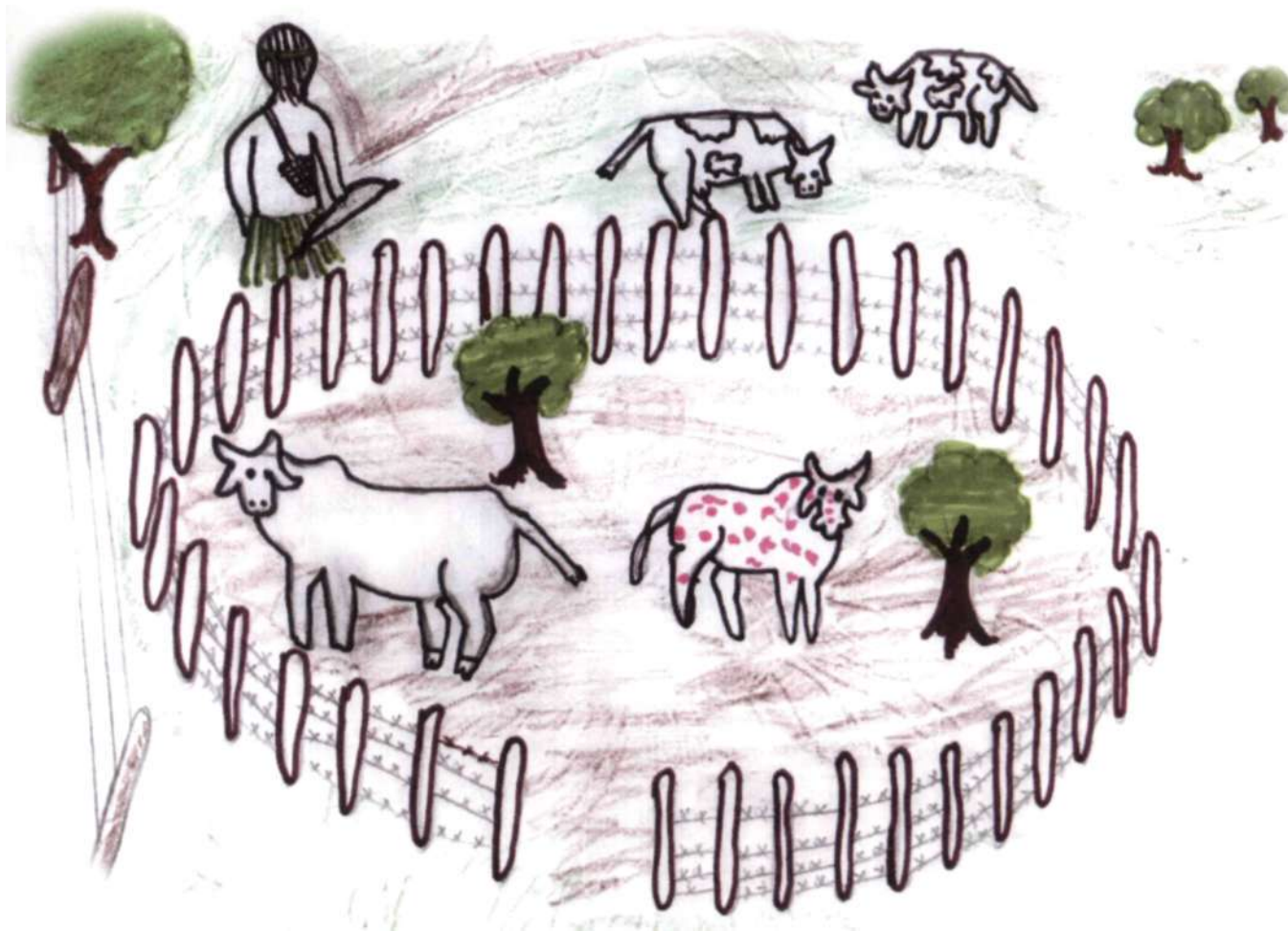
(Em 19 de abril de 1997)



Desenho de Delma - 16 anos - 3ª série

O Caboclo Sonhador

Português Oficial]



Desenho de Mônica de Jesus Souza - Professora

O caboclo morava com o branco. O branco era boiadeiro e o caboclo, tangedor. Eles estavam viajando. Passaram num arruado, de tardinha. O caboclo avistou um pé de laranja bem enfeitado lá num quintal de um morador da rua. E viajaram. Quando pararam, o patrão disse:

- Caboclo, agora vamos arrotear o gado. Vamos dormir aqui mesmo.

O dia já se misturava com a noite. Aí o caboclo disse:

- Meu amo, eu vou voltar àquela rua.

- Caboclo, você está doido? Não vá lá não, que você morre.

- Eu vou, meu amo. Eu vi lá uma coisa... Meu amo viu?

- Não vi não, caboclo. O que foi?

- Eu vi lá um pé de laranja e eu vou lá.

- Caboclo, você vai morrer. O dono lhe mata.

- Nada. Eu vou. Se eu morrer, morri. Daqui para uma hora da manhã eu chego.

E açoitou na estrada. Viajou, viajou... Dava umas três léguas de onde eles foram se aboletar para dormir até a rua. O caboclo chegou lá, subiu no pé da laranja, ficou lá em cima: descascando laranja, espetando as cascas nos espinhos, lá mesmo chupando. Quando foi lá para doze horas da noite, saiu uma moça e um rapaz da porta do dono da laranja. A moça com a esteira no braço e o homem todo encapotado arroteado de bala e era coisa! A moça disse:

- E, eu vou me entregar mas, se você me fizer mal e me deixar no mundo, eu vou me entregar

Àquele. (E apontou para o alto.)

O caboclo, então, gritou de lá:

- Você vai se entregar ao diabo, não a mim.

Eles aqui dispararam no mundo. O rapaz deixou a roupa, deixou o cinturão de bala, deixou todo o armamento, deixou carroça, deixou a bolsa do dinheiro, deixou tudo ali. Escapuliu no mundo. O caboclo desceu da laranjeira; pegou a cartucheira, botou na cintura; pegou o capote, embrulhou; pegou a bolsa, botou embaixo do braço e amanheceu o dia na rua. O dia amanheceu e o patrão disse: " Perdi meu caboclo. Mataram. " Já o sol ia alto, deu oito horas do dia. Aí ele decidiu: " Eu vou atrás do meu caboclo para ver o que foi que aconteceu". E foi. Quando chegou à rua, o caboclo estava lá sentado no balaústre, a bolsona de um lado, encapotado, o cinturão de bala na cintura. O patrão chegou:

- Caboclo, onde você achou isso aí?

- Aqui foi Deus que me deu.

- Caboclo, pensei que você tinha morrido. Vamos embora?

- Meu amo, só acompanho você, porque é meu amo. Mas até ontem eu era seu tangedor e de hoje em diante, eu sou... Eu vou comprar sua boiada, porque eu tenho dinheiro.

- Tem mesmo, caboclo?

- Tenho. Repare aí nessa bolsa. Tudo é dinheiro.

O homem reparou:

- E mesmo, caboclo. Eu vou lhe vender minha boiada. Eu agora vou ser seu tangedor. Até

ontem eu mandava em você mas, a partir de hoje, você vai me mandar.

- Está bem.

Açoitaram na estrada. Viajaram, viajaram, viajaram. A boiada já era do caboclo. Açoitaram e açoitaram e açoitaram... Quando chegaram em casa, o caboclo foi dizendo:

- Mulher, agora nós estamos ricos.

- Onde achou riqueza?

- Eoi Deus que me deu. Comprei a boiada do meu amo e agora nós estamos ricos.

O patrão botou um roçadão. Quando acabou, encheu de abóbora. Quando as abóboras estavam todas maduras, a roça estava repleta de abóbora. Aí ele disse:

- Caboclo, vamos trocar essa roça de abóboras por essa boiada ?

- Vamos.

E não é que ele trocou a boiada peia roça de abóboras! Trocou. Passou-se muito tempo. Um dia, o homem perguntou:

- Caboclo, vamos fazer um negócio?

- Vamos.

- Nós vamos pegar uma aposta para a gente ver quem obra mais bonito.

A aposta era da boiada com a roça. Se o caboclo perdesse, perdia a roça, ficava sem nada. E se o caboclo ganhasse, ganhava a boiada de novo e a roça. O homem queria passar a mão na roça do caboclo. O caboclo disse:

- Vamos.

Bom, o homem picou o pau: comeu arroz, comeu essas coisas boas. O caboclo também picou o pau, comendo abóbora Juruá. Quando foram justificar a aposta, qual era a obra mais bonita? O caboclo tinha feito tudo vermelhinho, tudo de abóbora. Pronto, aí ganhou a boiada de novo. E a roça de abóbora

E por aí acabou-se a história.



Desenho de Delma - 16 anos -3ª série

A Cobra que virou Prinspo

Fala do Contador

Aí tinha uma moça. Eia ia pra fonte todo dia. E, agora, tinha uma voz que falava assim dentro de uma macambira, dentro de um velado de macambira. Quano a moça passava pra fonte, a voz falava:

- Moça, quer casar com eu?



E ela olhava e num via nada. Só via a macambira. Todo dia ela passava, ela perguntava. Ai, quano um dia, aí ela foi, a moça foi, aí falou à mãe. Disse:

- Mãe, quano eu vou pra fonte, passo ali naquele velado e tem uma voz que fala de dentro da macambira preguntano se eu quero casar com ele.

E ela óia num vê nada, né?

Aí a mãe disse:

- Quano ele perguntar se quer casar com ele, você diga: quero.

Aí foi. Aí quano ela passou:

- Moça, quer casar com eu?

Aí ela disse:

- Quero.

Aí agora falou:

- Apois você diga a seu pai, diga a sua mãe, diga a seu povo que tal dia eu vou lá pra nós acertar o casamento. Aí, tá bom. AU a tale hora, eu chego lá pra nós conversar, pra acertar o casamento.

Bom, ela chegou disse à mãe, disse ao pai, disse aos irmão, o povo, porque a voz vinha. Marcou o dia, marcou a hora de chegar pra conversar, né? Aí, quano chegou a hora, tava tudo esperano. Aí quano dero fé, na hora marcada, aí, viro apontar na porta. Aí evinha aquele cascavei, aquele cascavei, chega vinha clareano. Aí chegou e entrou: aí falou com a moça, com o pai, com todo que tava ali. Aquela cobra falava, né? Aí falou com todo. Aí o pai disse:

- *E você a voz que falava que queria casar com a fia?*

Ele disse:

- *E, sou eu mesmo - a cobra dizia. E nós vamo acertar o casamento e nós vamo casar amanhã.*

Era ligeiro.

- *Tá bom.*

Aí quano foi na hora, foro arrumar a moça. Aí a cobra tá ali encostada. O cascavéi. Aí arrumam a moça e se prepararo. Na hora viajaro pra igreja. A moça caminhando, a cobra encostada. Chegou lá, o padre disse:

- *Mas você vai casar com uma cobra? Esta é uma cobra.*

Ela disse:

- *Num tem nada, se vamo casar, vamo casar.*

Bom - o padre disse:

- *E, eu vou fazer o casamento.*

Aí casou. Fez o casamento: de noite, foi uma festona do casamento. O povão tava aí brincano, comeno e bebeno na festa de noite. Quano terminarum todas as obrigação, a cobra disse:

- *Agora, vocês vão me dar licença que eu quero um quarto aí trancado (que ele ia dormir).*

E a moça era pra ir tamém mais ele. Tá bom, já tinham casado. Aí agora trancam lá dentro da porta. Aí foro drumir. O povão tá aí. E o dia amanheceu, e o sol arteou e eles agarraro no sono. Aí tinha uma irmã da moça. Aí foi oiar assim, oiou pela fechadura da porta: a moça tava

lá drumino e agora tinha aquele prinspo deitado tamém mais ela. Tinha aquele homem mais lindo do mundo! Bom, aí agora a moça, a irmã, invejou. Invejou aquilo. Aí disse:

- Mãe, Fulana casou com uma cobra e num era uma cobra, era um homem.

Aí foro olhar: a moça tava lá deitada mais o homem. Aquele homem mais lindo do mundo! Aí a outra disse:

- Eu vou caçar uma cobra pra ela casar tamém.

Aí foi futucar as macambira. Aí achou um cascavéi. Aí trouxe. Amarrou e aí fez o padre casar tamém. Ela casou. Aí agora foro dormir no mesmo jeito da outra, trancar lá num quarto. Trancarum num quarto, e o dia amanheceu e aí foi que fizeram a festa. E o dia amanheceu... Nada. Quano foi já na base de oito pra nove hora, aí foro oiar lá na racha da porta. A moça tava lá deitada, roxa, e a cobra em cima. Tinha matado a moça. Aí agora foi que rebentam a porta e foro fazer o sepulto da moça. Mataro a cobra e sepultaro a moça.

E o fim é esse aí.

(Em 20 de abril de 1997)



Desenho de Juliana - 16 anos - 3ª série

A Cobra que virou Príncipe

Português Oficial



Desenho de Sandra Alice de Souza - 8 anos - 1ª série.

Era uma vez uma moça. Ela ia para a fonte todos os dias. E havia uma voz que falava assim, dentro de um velado de macambira, quando a moça passava para a fonte: "Moça, quer casar comigo?" E ela olhava e não via nada. Só via a macambira. Todo dia ela passava e a voz perguntava. Quando foi um dia, ela foi e falou à mãe:

- Mãe, quando eu vou para a fonte, passo ali por aquele velado e tem uma voz que fala de dentro da macambira perguntando se eu quero casar com ela. E eu olho e não vejo nada. Aí a mãe aconselhou:

- Quando ele perguntar se quer casar com ele, você diga: " Quero ".

Assim foi. Quando ela passou, a voz repetiu: "Moça, quer casar comigo?" Ela disse:

- Quero.

- Pois - a voz falou - pois você diga a seu pai, diga a sua mãe, diga a seu povo que tal dia eu vou lá para nós acertarmos o casamento. No dia tal, a tal hora, eu chego lá para nós conversarmos, para acertarmos o casamento.

Bom, ela chegou disse à mãe, disse ao pai, disse aos irmãos, ao povo, porque a voz vinha. Marcou o dia, marcou a hora de chegar para conversar. Aí, quando chegou a hora, estavam todos esperando. Quando deram fé, na hora marcada, viram apontar na porta: vinha aquele cascavel que vinha clareando. Chegou e entrou. Falou com a moça, com o pai, com todos que estavam ali. (Aquele cobra falava.) Falou com todos. Aí o pai disse:

s

- E você que quer casar com minha filha?

A voz disse:

- E, sou eu mesmo - a cobra dizia. E nós vamos acertar o casamento e nós vamos casar

amanhã. (Era ligeiro.)

No outro dia, foram arrumar a moça e a cobra ficou ali encostada, o cascavel. Arrumaram a moça e se prepararam. Na hora, viajaram para a igreja. A moça caminhando e a cobra encostada. Chegou lá, o padre disse:

- Mas você vai se casar com uma cobra ? Esta é uma cobra.

A moça respondeu:

- Não tem nada, se combinamos nos casar, vamos nos casar.

O padre disse:

- E, eu vou fazer o casamento.

Fez o casamento. De noite, foi uma festona. O povão ficou por ali brincando, comendo e bebendo. Quando terminaram todas as obrigações, a cobra disse:

- Agora, vocês vão me dar licença que eu quero um quarto aí trancado, que eu vou dormir.

E a moça, era para ir também com ele. Está bem: já tinham casado. Trancaram-se lá dentro de porta fechada. O povão ficou por ali. E o dia amanheceu, e o sol alteou e eles agarraram no sono. A moça tinha uma irmã. Ela foi olhar pela fechadura da porta: a moça estava lá dormindo e tinha, agora, aquele príncipe deitado também. Aquele homem mais lindo do mundo! A irmã invejou. Invejou aquilo e disse:

- Mãe, Fulana casou com uma cobra e não era uma cobra, era um homem.

Foram olhar: a moça estava lá deitada mais o homem. Aquele homem mais lindo do mundo! Aí a outra disse:

- *Eu também vou procurar uma cobra para casar comigo.*

Aí foi futucar as macambiras. Achou um cascavel. Trouxe com ela. Amarrou-o e fez o padre realizar também o casamento. Foram dormir do mesmo jeito da outra: trancaram-se lá num quarto. E o povo ficou na festa. E o dia amanheceu e nada da moça aparecer. Quando foi na base de oito para nove horas, foram olhar pela racha da porta. A moça estava lá deitada, roxa, e a cobra em cima dela. Tinha matado a moça. Aí, agora, arreventaram a porta e foram fazer o sepultamento. Mataram a cobra e sepultaram a moça.

E o fim é esse aí.



Desenho de Narciso de Jesus Santos - adolescente - alfabetização

O Reinado dos Bem-te-vi

Fala do Contador

Primeira Parte

Disse que era um caçador que andava no mato. Todo dia que ele saía pro mato, ele matava um viado. E nesse dia, ele saiu e andou até mei dia, num achou nada. Aí, ele disse: "Mas eu chegar em casa sem nada?" Aí saiu na estrada. Quano saiu na estrada, que ele óia lá na sombra de um pau-de-rato, aí tinha teiuzão esparradão na estrada. Ele disse: "Home, pr'eu num chegar em casa sem nada, eu vou matar aquele teiú. " Aí botou a espingarda. Quano botou a espingarda, o teiú disse:



Desenho de Sílvia - 10 anos - 1ª série.

- *Oi, num me mate não.*

Aí ele baixou a espingarda. Ficou maginano: "Mas um teiú falar!" Disse: "Mas eu vou matar assim mesmo." Quano botou a espingarda, o teiú disse:

- *Eu num já lhe disse que num me mate?*

Ele tornou baixar. Aí o teiú perguntou, o teiú disse:

- *Cê quer ser um caçador de profissão? Se quiser, ocê me diga. E tamém quano ocê chegar em casa, a primeira coisa que vim lhe encrontar, na porteira, você me dá. Se você me dar, você vai ser um caçador de profissão.*

Aí ele assuntou. Porque ele tinha seis fia moça e uma cachorrinha. Toda vez que ele vinha, a cachorrinha era quem ia encrontar ele. Aí ele maginou na cachorra, né? Aí foi e disse:

- *Eu dou.*

Aí o teiú disse:

- *Apois ocê entra aqui, aí adiante tem uma caça graúda, mais adiante tem outra, pode matar que é sua. E todo dia você pode vim que a caça tá aí.*

Aí que ele, quano entrou, tava o viadão em pé. Baixou-lhe fogo, aí matou. Aí chegou pro teiú, o teiú disse:

- *Cadê achou? Cadê a outra?*

Ele disse:

- *Não. Eu só vou levar uma.*

- *É, tá certo. Quano for outro dia, você vem buscar a outra. E ói meu objeto! Cê chegue lá e venha trazer logo.*

Aí agora ele jogou o viado nas costa e soitou. Foi embora. Chegou na porteira, aívei uma fia de lá pra cá enfrontar ele na porteira. E ele já ficou pensano, Que ele ia levar uma fia pra o teiú. Aí ficou pensano aquilo, ficou maginano, ficou mei triste, né? Aí chegou, as fia tomara conta do viado, aí tiraro o couro, tratara e ele sentou pracolá pensano, maginano. Aí vai uma fia preguntou, disse:

- Meu pai, o que é que o senhor tem, tá doente?

Ele disse:

-Não.

- O que foi que viu no mato? Se viu alguma coisa, se que foi contra ela, podia dizer que ela se conformava.

Bom, aí agora ele contou a história: E porque ele vinha sem nada, aí saiu na estrada, aí tinha um teiú. Ele botou a espingarda, o teiú falou, pediu que num matasse ele. E ele, pra num vim sem nada, tornou a vortar de novo, o teiú disse: "Num me mate, já num lhe disse que num me mate?" Aí preguntou se ele queria ser um caçador de profissão; se ele quisesse, a primeira coisa que quano ele viesse, a primeira coisa que enfrontasse ele na porteira, se dava a ele. Aí ele disse que dava. E a fia foi quem foi enfrontar...

Aí ela disse:

- Não, se for pro causa disso, ela ia morar mais o teiú.

Aí ela disse:

-E pra nós ir agora?

Ele disse:

- E agora.

Aí tamém ela arrumou e viajou. Chegou lá entregou ao teiú:

- Oi aqui o seu objeto.

Ele ficou por aí. E (disse) daqui a pouco nós vamo embora. E o pai saiu, se escondeu trás de uma moita que era pra ver o que era que ele ia fazer com a moça. Aí o teiú deitado na areia, ela sentou por ali... Aí com pouca o teiú levantou, disse:

- Agora vamo embora.

Aí entrou numa varedinha de formiga dentro da mata e o teiú ná frente e ela atrás. Chegou adiante, nuns pés de gravatá, entrou num buraco. E ela entrou atrás. Aí o home, o pai, foi espiar: tava só o buraco onde ela tinha entrado. O teiú entrou e ela tamém entrou. Aí passou-se, passou-se, passou-se.. Quano foi cum uns quinze dia, aí a moca foi e falou pra o teiú: "Se argum tempo, ela quereno passear os pai, as irmã, os parente, se ela podia ir. "Aí o teiú disse:

- Pode. Mas cuidado ni coisa de fogo.

Aí ela disse:

- Coisa de fogo, eu num trago não.

Aí quano foi cum quinze dia, aí arrumou aí vei passear a mãe, o pai, as irmã... Aí chegou aína casa da mãe, a mãe disse:

- Minha fia, como é que tá lá? Como é este home? E branco, é preto... Como é ele? Ela disse:

- Eu num sei nem contar.

- Lá tem fogo, tem prato, tem panela, tem colher?

Ela disse:

- Tem tudo mas...

- *E como é que veve lá?*

-*A casa é toda luminada, mas ninguém vê fogo, num vê nada. Mas é aluminada. E na claridade, é um teiú. Mas de noite vira um homem. Ela num sabe de que jeito é: se é branco, ou se é preto, ou se é...*

Aí a mãe disse:

-*Não, minha fia, você leve, leve uns fosco, leve um candeeiro pra alumiar.*

Ela disse:

- *Levo o quê! E o mais que ele pediu: coisa de fogo num era bom levar.*

Aí passou-se, passou-se, passou-se. Aí ela voltou. Chegou cá, o teiú disse:

- *Como é que tá lá? Seu pai, sua mãe, suas irmã? Ela disse:*

- *Tão tudo bem. Trabaiano.*

- *Tá bom.*

Com quinze dia, ela tornou a pedir. Queria passear a mãe, o pai, as irma,.. O teiú disse:

- *Oi, ói essa caminhada. Com coisa de fogo, eu num quero nem saber.*

Aí ela viajou. Cresceu o cabelo, um cabelão... Aí chegou em casa, a mãe disse:

- *Minha fia, eu vou mandar um fosco, que é pra você, quando ele tiver drumino, você risca o fosco que é pra ver como é esse home: se é branco ou se é preto ou como é ele.*

Aí ela disse:

- *Levo o quê!*

Aí a mãe pegou na palavra. Ela disse:

- *Eu num levo porque num tem aonde.*

Aí a mãe disse:

- Oxe, cê leva na poupa do cabelo.

Um cabelão! Fez a polpa, quano cabou, socou o fosco dentro da polpa do cabelo. Aí quano foro deitar, que o teiú tava drumino, ela foi e riscou o fosco. Aí quano riscou o fosco, foi, vei em cima da pelanca do teiú, aí o fogo ganhou na pelanca do teiú. Ele virou teiú ligeiro, mas num deu mais tempo. Aí desencantou. Aí virou o home. Aí ele disse:

- Eu bem que eu sabia que essa caminhada sua ia acontecer era isso.

E ela já tava grávida do teiú. Aí agora o teiú disse:

- Apois agora ocê fez e você agora...

Ele ia embora... Ela só ia ver ele se ela fosse no Reinado dos Bem-te-vi. E aí desapareceu. Ela também vei imhora, aí pra casa da mãe, ficou aí, ganhou o nenen dela. Quano terminou o resguardo... Ele deixou dinheiro, o teiú era rico, deixou muito dinheiro que era pra ela cumprir com o resguardo dela e também se tivesse opinião de viajar.

Segunda Parte

Quer dizer que aí ela já... da casa da mãe, bom, ela terminou a viajar, né? Botou o fio no braço e aí viajou. Adiante encrontou uma véia. Aí ela perguntou à véia se dava notícia de uma terra por nome do Reinado dos Bem-te-vi. A véia disse:

- Minha fia, eu num dou; quem pode dar noticia é meu fio, que ele anda muito no mundo.

Era a mãe do vento. Quem pode dar notícia é o fio, que era ele que andava... Aí ela disse:

- Mas você fique por aí, que ele tá já che gano.

Aí amarrou ela lá num caixão. Que quano o vento chegava, era acabaño com tudo. Se pegasse

ela, ele arrastava mesmo. Aí quano o fio chegou, aí ele sentiu, disse:

- Ih, que fedor de sangue real?

Aí a mãe disse:

- Não, meu fio, aí é um pinto que eu matei pra se comer agora mei-dia.

Bom, aí agora ele se conformou. Adepois ela disse:

- Meu fio, ocê vai se importar com um bichinho que chegou procurando uma terra por nome do Reinado dos Bem-te-vi?

Que ela num dava notícia e disse quem podia dar notícia era o fio que andava. Aí o fio disse:

- Tamém num dou.

Que ele andava muito mas num dava notícia dessa terra. Mas informava quem podia dar notícia: quem podia dar notícia era a mãe do sol. Bom, aí agora ela tomém viajou. Viajou, viajou, quano chegou na casa da mãe do sol, aí fez a pergunta, se ela dava notícia de uma terra por nome do Reinado dos Bem-te-vi. Ela respondeu, disse:

- Eu num dou notícia, porque ela num andava, num viajava. Quem podia dar notícia era o fio que andava noite e dia. Ela esperasse pelo fio, na hora da mei-dia, ele chegava. Mas era muito quente, quano ele chegava.

Aí tamém ela guardou a muié mais o fiinho, tornou a esconder. Aí quano o sol chegou, aí vinha queimano com tudo. Aí quano chegou, tornou a sentir de novo. Chegou disse:

- Ih que fedor de sangue real!

A mãe disse:

- Não meu fio, foi um pinto que eu matei pra se comer agora mei-dia.

Ele também conformou, né? Aí quono passou-se, aí a mãe foi e perguntou:

- Meu fio, você vai se importar com um bichinho que chegou procurando uma terra por nome do Reinado dos Bem-te-vi? Se suber, ela quer saber em que mundo fica.

Aí ele disse:

- Eu ando muito noite e dia mas num dou notícia dessa terra. Mas informo: Quem pode dar notícia dessa terra, é o Reis dos Reis dos Arubu. E quem pode dar notícia dessa terra.

Bom, aí agora também despediu, aí viajou à procura da casa do Reis do Reis dos Arubu. Aí chegou lá, encrontou com o Reis do Reis dos Arubu. Aí fez a fala, se ele dava notícia de uma terra por nome do Reinado dos Bem-te-vi. Aí ele disse:

- Minha fia, eu dou notícia e sei onde é, mas agora eu sei que morro e num vou mais lá, porque já tava muito veio, pelado, caiu as pena toda, tava todo pelado.

Aí ela foi e disse:

- O senhor encrontano comida pra comer o tempo e a hora que o senhor queira, será que ainda sai a pena ?

Ele disse:

- Sai. Se achar de comer pra comer o tempo e a hora, aí sai a pena.

Aí ela tinha muito dinheiro, que o teiú tinha deixado, aí picou o pau a comprar boi e matano e o Arubu comeno. Passado uns dia, já começou a sair os cano. Picou o pau a comprar boi. Já tava cobrino de pena de novo. Até quano empenou. Quano empenou, ele disse:

-Agora, eu vou ver se já güento.

Aí subiu. Subiu mas num güentou, voltou. Picou o pau a comprar boi, e matano e comeno.

Quano foi com mais quinze dias pra frente, aí ele disse:

-Agora eu vou ver se já güento de novo.

Aí subiu, fez a ronda e subiu, subiu, subiu, subiu, e ela olhano até quano não viu mais. Mas logo, logo voltou. Num güentava, tava fraco ainda. Aí picou o pau comprano boi, já num achava mais perto, aí ia comprar mais longe, matano e ele comeno. Aí, quano, com mais quinze dia, aí ele disse:

- Agora eu vou, vou ver se vou lá.

E güentou ir lá nessa terra. Aí subiu, subiu, subiu, subiu, demorou dia e meio. Cabo de dia e meio, chegou. Chegou, disse:

- Oi, eu fui lá, tive conversano com o prinspo, e nós tem que andar, fazer umas pressa, porque ele vai casar, nos quinze dia ele vai casar.

Mas ele ia fazer uma pergunta e ensinar a ele fazer uma pergunta. Aí agora ela picou o pau a comprar boi. Comprou boi, comprou boi. Cabo de quinze dia, que no dia do casamento era pra ela chegar. Era a noiva dum lado e ela chegar do outro. E com o fio no braço. Bom, aí agora ela picou o pau a comprar boi, comprar boi... O dia do casamento completou os quinze dia, ele disse:

- Agora vamo. Você vai comprar um boio e arretaiar, que era pra poder fazer a matutagem pra ele levar pra comer no caminho na viagem. Era pra ver se güentava pra levar ela nas costas e o fio e subir.

Aí agora picou o pau. No dia mataro o boi, arretaiou um bocado de carne, ele levou. Fez o dela e a matutagem do Aribu. Rumou ela nas costa e subiu, subiu, subiu, subiu, até quano ela olhava pra baixo num via mais o mundo só via o escuro. Aí ele apontou disse:

- Ói, o Reinado dos Bem-te-vi, essa terra fica naquele mundo, mas é longe pra lá. (E achava que a matutagem num ia dar pra ele güentar chegar lá.) Bom, mas num tem nada não, vamo ver.

E soitou: viajou, viajou, viajou. Aí quano foi chegano perto, aí comeu o derradeiro da matutagem que levava, né? Tá ruim, e pra fazer a ronda pra descer, aí é que era coisa. Tinha que tá bem forte, senão descia de uma vez e matava a muié. Bom, aí comeu, comeu. Quano foi pra descer, aí ele disse:

- *Tou fraco. Num güento. Que é que nós faz?*

A muié disse:

- *Comeno um bocadinho güenta?*

Ele disse:

- *Güento.*

Ela foi passou a faca na batata da perna e ele comeu. Quano foi pra descer, ele disse:

- *Tou fraco.*

Ela passou a faca na outra batata e deu a ele. Aí foi quano güentou a descer. Aí botou ela lá no tanque, no ribeirão do tanque aonde ele bebia água. Aí botou ela lá e vei. Chegou cá, aí falou com o prínspe que era pra ele fazer a pergunta o povo e o padre: "A pessoa tendo um malote e tem a fechadura e tem a chave, perde aquela chave e compra outra nova; adepois acha a véa e qual é a que serve? E a nova ou é a véia?" Pronto, quer dizer que o padre respondeu disse:

-É a veia que serve.

Todo mundo disse:

- *So serve e a véia.*

Ele disse:

- *Apois, então a minha muié é essa aqui.*

E ela tava encostada com o fio. E a outra tava do outro lado. Bom, ali agora ele foi e casou com a véa, com a muié dele, e a outa, de desgosto, subiu no palácio, pulou de cima, caiu, e se acabou.

E terminou a história.

(Em 20 de abril de 1997)



Desenho de Elisângela - 18 anos - 2ª série.

O Reinado dos Bem-te-vis

Português Oficial

Primeira Parte

Disse que era um caçador que andava no mato. Todo dia que ele saía para o mato, ele matava um veado. E nesse dia, ele saiu e andou até meio-dia e não achou nada. Aí ele pensou: "Mas eu chegar em casa sem nada?" Aí saiu na estrada. Quando saiu, que ele olha para a sombra de um pau-de-rato, tinha um teiuzão esparrado. Ele disse: "Homem, para eu não chegar em casa sem nada, eu vou matar este teiú. " Aí apontou a espingarda. Quando apontou a espingarda, o teiú disse:



- Olhe, não me mate não!

Ele baixou a espingarda. Ficou imaginando: "Mas um teiú falar!" Mas eu vou matar assim mesmo. Quando apontou a espingarda, o teiú disse:

- Eu não já lhe pedi que não me mate?

Ele tornou a baixar a espingarda. Aí o teiú perguntou:

- Você quer ser um caçador de profissão? Se quiser, me diga. Quando você chegar em casa, a primeira coisa que vier encontrá-lo, na porteira, você me dá. Se você me der, você vai ser um caçador de profissão.

Aí ele ficou pensando: porque ele tinha seis filhas moças e uma cachorrinha. Toda vez que ele chegava, a cachorrinha era quem ia encontrá-lo. Ele pensou que seria a cachorra. Então ele prometeu:

- Eu dou.

Aí o teiú disse:

- Pois você entre aqui. Aí adiante tem uma caça graúda, mais adiante tem outra. Pode matá-las que são suas. E todo dia você pode vir que a caça está aí.

Quando ele entrou, lá estava o veado em pé. Baixou-lhe fogo, matou-o. Veio até onde estava o teiú que lhe perguntou:

- Cadê, achou? Cadê a outra?

Ele respondeu:

- Eu só vou levar uma.

Aí o teiú disse:

- É, está certo. Quando for outro dia, você vem buscar a outra. E olhe meu objeto! Você chegue lá e venha trazer logo.

Aí agora o caçador jogou o veado nas costas e açoitou. Foi embora. Chegou na porteira, veio uma filha de lá para cá encontrá-lo. E ele já ficou pensando que ele iria levar uma filha para o teiú. Ficou pensando naquilo, ficou preocupado, ficou meio triste. Acabou de chegar, as filhas tomaram conta do veado, tiraram o couro, trataram o veado e ele se sentou acolá pensando, imaginando. Vai uma filha e pergunta:

- Meu pai, o que é que o senhor tem, está doente?

Ele disse:

-Não.

- O que foi que viu no mato? Se viu alguma coisa, se foi contra mim, pode dizer que eu me conformo.

Bom, aí agora ele contou a história:

- E porque eu vinha sem nada, aí saí na estrada e tinha um teiú. Apontei a espingarda, o teiú falou, pediu que não o matasse. E eu, para não vir sem nada, tornei a apontar de novo. O teiú disse novamente: "Não me mate, já não lhe pedi para não me matar?" Perguntou-me se eu queria ser um caçador de profissão. Se eu quisesse, a primeira coisa que, quando viesse, me encontrasse na porteira, eu deveria dar a ele. Aí eu disse que daria. E você foi quem foi me encontrar...

Então, ela disse:

- Não, se for por causa disso, eu vou morar mais o teiú. E para nós irmos agora?

Ele respondeu:

- E agora.

Aí também ela se arrumou e viajou. Chegou lá, o pai entregou-a ao teiú:

- Olhe aqui o seu objeto.

O teiú ficou por ali: "Daqui a pouco, nós vamos embora ". E o pai saiu, se escondeu trás de uma moita, que era para ver o que era que o teiú ia fazer com a moça. O teiú deitado na areia, ela sentou por ali...Com pouca, o teiú se levantou:

- Agora vamos embora.

Aí entraram numa veredinha de formiga dentro da mata: o teiú ná frente e ela atrás; adiante, nuns pés de gravatá, ele entrou num buraco. E ela entrou atrás. Aí o homem, o pai, foi espiar: só estava o buraco por onde ela tinha entrado. O teiú entrou e ela também entrou. Quando foi com uns quinze dias, a moça foi e falou para o teiú: se, um dia, ela quisesse visitar os pais, as irmãs, os parentes, se ela podia ir. O teiú disse:

- Pode. Mas cuidado com coisa de fogo!

- Coisa de fogo, eu não trago não.

Aí, quando foi com mais quinze dias, ela se arrumou, foi visitar a mãe, o pai e as irmãs... Chegou lá, a mãe perguntou:

- Minha filha, como é que está lá? Como é este homem? E branco, é preto, como é ele?

Ela respondeu:

- Eu não sei nem contar.

- Lá tem fogo, tem prato, tempánela, tem colher?

- *Tem tudo mas...*

- *E como é que se vive lá?*

- *A casa é toda iluminada, mas ninguém vê fogo, não vê nada. Mas é iluminada. E na claridade, ele é um teiú. Mas de noite vira um homem. Eu não sei de que jeito é: se é branco, ou se é preto, ou se é...*

Aí a mãe disse:

- *Não, minha filha, você leve uns fósforos, leve um candeeiro para alumiar.*

A filha falou:

- *Levo o quê! E o que mais ele me pediu: coisa de fogo, não era bom levar.*

Passou-se, passou-se, passou-se...Ela voltou. Chegou, o teiú perguntou:

- *Como é que está lá? Seu pai, sua mãe, suas irmãs?*

- *Estão todos bem, trabalhando.*

- *Está bom.*

Com quinze dias, ela tornou a pedir. Queria visitar a mãe, o pai, as irmãs... O teiú disse:

- *Olhe, olhe essas caminhadas! Com coisa de fogo, eu não quero nem brincar!*

Aí ela viajou. Tinha deixado crescer o cabelo, um cabelão! Chegou em casa, a mãe disse:

- *Minha filha, eu vou mandar um fósforo, que é para você riscar quando ele estiver dormindo para ver como é esse homem: se é branco ou se é preto ou como é ele.*

- *Levo o quê!*

A mãe pegou na palavra, porque a filha tinha dito que não levava porque não tinha onde e disse:

- Oxe, você leva na polpa do cabelo.

Um cabelão! Fez a polpa, quando acabou, socou o fósforo dentro. Aí, quando foram deitar, que o teiú estava dormindo, ela foi e riscou o fósforo. Quando riscou o fósforo, veio para cima da pelanca do teiú; o fogo ganhou na pelanca do teiú. Ele virou teiú ligeiro, mas não deu mais tempo. Desencantou. Virou o homem. Então, ele disse:

- Eu bem que sabia que, com essas caminhadas suas, ia acontecer era isso.

E ela já estava grávida do teiú. Aí o teiú falou:

- Pois você fez e você agora...

Ele ia embora... Ela só poderia vê-lo se ela fosse no Reinado dos Bem-te-vis. E desapareceu.

Segunda Parte

Ela veio embora para a casa da mãe. Ficou aí, ganhou o nenen dela. Quando terminou o resguardo (Ele tinha deixado dinheiro. O teiú era rico: deixou muito dinheiro que era para ela cumprir com o resguardo dela e também usar se tivesse intenção de viajar.), ela decidiu viajar. Botou o filho nos braços e viajou. Adiante, encontrou uma velha. Aí ela lhe perguntou se dava notícia de uma terra por nome Reinado dos Bem-te-vis. A velha respondeu:

- Minha filha, eu não dou. Quem pode dar notícia dessa terra é meu filho, que ele anda muito no mundo.

Era a mãe do vento. Então, ela disse:

- Mas você fique por aí, que ele está já chegando.

Amarrou a moça lá num caixão, que quando o vento chegava, era acabando com tudo. Se pegasse ela, ele arrastava mesmo. Quando o filho chegou, ele sentiu algo:

- Ih, que fedor de sangue real!

Aí a mãe disse:

- Não meu filho, aí é um pinto que eu matei para se comer agora meio-dia.

Ele se conformou. Depois ela falou:

- Meu filho, você vai se importar com um bichinho que chegou procurando uma terra por nome Reinado dos Bem-te-vis? Eu não dou notícia e quem pode dar é você que anda muito.

O filho, então, respondeu:

- Também não dou.

Porque ele andava muito mas não conhecia essa terra. Mas informava quem poderia dar notícia dela: era a mãe do sol. Agora aí a moça tornou a viajar. Viajou, viajou. Quando chegou à casa da mãe do sol, fez a pergunta: se ela dava notícia de uma terra por nome Reinado dos Bem-te-vis. A mãe do sol respondeu:

- Eu não dou notícia, porque eu não ando, não viajo. Quem poderia dar notícia é o meu filho que anda noite e dia.

Disse que ela esperasse pelo filho; na hora do meio-dia, ele chegava. Mas era muito quente, quando ele chegava. Guardou a mulher mais o filhinho. Escondeu os dois. Quando o sol chegou, vinha queimando tudo. Quando acabou de chegar, sentiu também o cheiro de alguma coisa e disse:

- Ih, que fedor de sangue real!

A mãe disfarçou:

- Não meu filho, foi um pinto que eu matei para se comer agora meio-dia.

Ele também se conformou. Aí quando passou um tempo, a mãe foi e perguntou:

- Meu filho, você vai se importar com um bichinho que chegou procurando uma terra por nome Reinado dos Bem-te-vis? Se souber, ela quer saber em que mundo fica.

Ele respondeu:

- Eu ando muito, noite e dia, mas não dou notícia dessa terra. Mas informo: quem pode dar notícia dessa terra é o Rei dos Reis dos Urubus. E quem pode dar notícia dessa terra.

A moça se despediu e viajou à procura da casa do Rei dos Reis dos Urubus. Chegou lá, encontrou-se com o Rei dos Reis dos Urubus. Aí repetiu a pergunta: se ele dava notícia de uma terra por nome Reinado dos Bem-te-vis. Ele disse:

- Minha filha, eu dou notícia e sei onde é, mas agora eu sei que morro e não vou mais lá. (Porque já estava muito velho, as penas tinham caído todas, estava todo pelado.)

Ela foi e falou:

- O senhor encontrando comida para comer ao tempo e à hora em que o senhor queira, será que ainda saem as penas?

Ele respondeu:

- Saem. Se eu achar o que comer para comer ao tempo e à hora, aí saem as penas.

Ela tinha muito dinheiro que o teiú tinha deixado. Picou o pau a comprar boi e era matando e o Urubu comendo. Passados uns dias, já começavam a sair os canos. A moça continuou a comprar boi. O Urubu já estava se cobrindo de pena de novo. Até quando se empenou. Aí ele disse:

- Agora, eu vou ver se já agüento.

Subiu. Subiu mas não agüentou. Voltou. A moça picou o pau a comprar boi e era matando e ele comendo. Quando foi com mais quinze dias, ele falou:

- Agora eu vou ver se já agüento de novo.

Subiu, fez a ronda e subiu. Subiu, subiu, subiu, e ela olhando até quando não o viu mais. Mas logo, logo, voltou. Não agüentava, estava fraco ainda. E a moça continuou comprando boi. Já não achava mais perto, ia comprar mais longe e era matando e o Urubu comendo. Com mais quinze dias, ele disse:

- Agora eu vou. Vou ver se vou lá.

E agüentou ir lá nessa terra. Subiu, subiu, subiu, subiu, demorou dia e meio. No cabo de dia e meio, voltou:

- Olhe, eu fui lá, estive conversando com o príncipe, e nós temos que andar depressa, porque ele vai se casar, dentro de quinze dias.

Mas o Urubu ia lhe ensinar afazer uma pergunta. Aí, agora, ela picou o pau a comprar boi, comprar boi, comprar boi. No cabo de quinze dias, era para chegar. Era o dia do casamento. Era para aparecer a noiva de um lado e ela, do outro. E com o filho nos braços. Quando iam se completar os quinze dias, ele disse:

- Agora vamos. Você vai comprar um boi e retalhá-lo, para poder fazer a matalotagem para eu levar para comer no caminho, na viagem.

Era para ver se agüentava levá-la nas costas com o filho e subir. Aí agora picou o pau. No dia da saída, mataram o boi, retalharam um bocado de carne. Ela fez a matalotagem dela e ado Urubu. Ele a colocou nas costas e subiu. Subiu, subiu, subiu, até quando ela olhava para

baixo e não via mais o mundo, só via o escuro. Aí ele apontou:

- Olhe o Reinado dos Bem-te-vis! Essa terra fica naquele mundo, mas é longe para lá. (E achava que a matalotagem não ia dar para ele agüentar chegar.) Bom, mas não tem nada não, vamos ver.

E açoitou. Viajou, viajou, viajou. Quando foi chegando perto, comeu o derradeiro bocado da matalotagem que levava:

- Está ruim. E para fazer a ronda para descer, aí é que é coisa.

Tinha que estar bem forte, senão desceria de uma vez e mataria a mulher. Quando foi para descer, ele disse:

- Estou fraco. Não agüento. Que é que nós fazemos?

A mulher respondeu:

- Comendo um bocadinho agüenta ?

Ele disse:

- Agüento.

Ela foi, passou a faca na batata da perna e ele comeu. Quando foi para descer, ele disse:

- Estou fraco.

Ela passou a faca na outra batata e deu a ele. Aí foi quando ele agüentou a descer. Aí botou-a lá no tanque, no ribeirão do tanque onde ele bebia água. Botou-a lá e foi falar com o príncipe que era para ele fazer a pergunta ao povo e ao padre: "A pessoa tendo um malote e tendo a fechadura e tendo a chave, perde aquela chave e compra outra nova. Depois acha a velha. Qual é a que serve? E a nova ou é a velha?"

Diante dessa pergunta, o padre respondeu:

-É a velha que serve.

Todo mundo disse:

- Só serve a velha.

O príncipe, então, disse:

- Pois a minha mulher é essa aqui. (E ela estava encostada com o filho. E a outra estava do outro lado.)

Bom, ali agora ele foi e casou com a velha, com a mulher dele. E a outra, de desgosto, subiu no palácio, pulou de cima, caiu e se acabou.

E terminou a história.

História de Jocimar de Jesus

Aluno da Professora
Mônica Jesus de Souza, 1ª série



Desenho de Jocimar de Jesus - 7 anos - 1ª série.

História da Onça

Português Oficial

Era uma vez uma Onça que convidou todos os bichos para a festa.

Quando chegou lá, todos começaram a dançar. E a Onça cantava e dizia para si: "Isto tudo pra meu papo, isto tudo pra meu papo". Aí o Macaco falou:

- Fiquem todos espertos que a Onça quer nos comer.

E tocava viola:

- Ponha o olho nela que a coisa é hoje, ponha o olho nela que a coisa é hoje.

O Cágado aí disse:

- Eu já vou, porque eu tenho minhas botas curtas.

E foi andando. Os bichos fugiram. A Onça foi atrás. Só encontrou o Cágado, mas ele entrou na toca. Ela, então, pôs o Sapo de guarda para não deixá-lo sair. O Cágado, porém, foi esperto: mandou o Sapo abrir os olhos, jogou-lhe uma manchela de areia e saiu ligeirinho. Quando a Onça chegou, perguntou:

- Ele saiu ?

O Sapo:

- Não.

Ela cavou, cavou, chegou ao final do buraco e não encontrou o Cágado. Virou-se para o Sapo e disse:

- Agora eu vou fazer uma coivara e jogar você dentro.

- E do que eu gosto - falou o Sapo.

A Onça teve outra idéia:

- Eu vou jogar você é dentro d'água fria.

E o Sapo, em resposta:

- Não, amiga Onça, me jogue no fogo.

A Onça levou o Sapo para o rio e o atirou lá. E o Sapo, vitorioso:

- Era isso que eu queria! Era isso que eu queria!

A Onça pensou outra coisa:

- Amigo Sapo, me ensine a nadar.

E o Sapo lhe disse:

- Pegue uma pedra e amarre na barriga.

A Onça fez o que o Sapo mandou e bebeu foi muita água!

(Em julho de 1997)

Historias de Margarida Maria de Jesus



Margarida Maria de Jesus nasceu em 1921, em Lagoa Grande. Era uma mulher muito prendada: sabia tecer esteiras e redes: bordava e fazia croché. Além disso, era rezadeira e, por algum tempo, parteira.

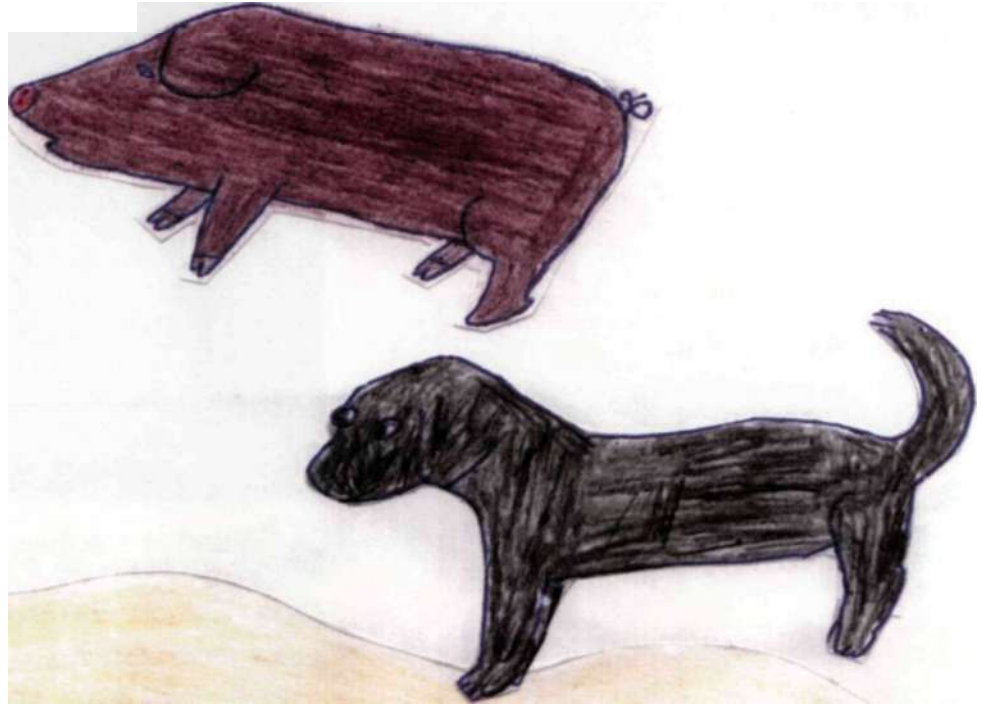
A Bestinha Sabida

Fala da Contadora

Disse que tinha um home que tinha um fio, tinha mais fio. Mas tinha uma bestinha. Então, ele mandou o menino apanhar uma lenha. Aí disse que o menino, com preguiça, botou umas carga de lenha e, quando tava enfadado, disse:

- Agora eu vou botar todinha pra eu num vim outra vez.

Aí a besta falou:



Desenho de Narciso de Jesus Santos - adolescente - alfabetização

- *O, num é ni suas costa!*

Aí agora disse que ele teve um medo! Jogou a lenha que ele botou e correu! Aí disse:

- *Meu pai, eu num vou mais buscar lenha não.*

- *Pro que meu fio?*

- *Proque a besta falou.*

- *Tu tá com preguiça, moleque. Você vai!*

A cachorrinha disse:

- *Falou que eu vi.*

Aí ele disse:

- *Tu tá falano, eu vou é matar.*

Aí foi ver o machado. Que quando ele foi arribando pra matar a cachorra, o machado disse:

- *E ela não me morde não?*

Aí ele se assustou-se, tangeu o machado assim pro mato. E o porco disse:

- *Quando você jogar suas coisa, repare quem tá ná frente.*

Aí disse que o homem morreu. O home morreu de choque. Falou besta, falou cachorra, falou machado e falou porco!

E acabou a história.

(Em 29 de janeiro de 1997)

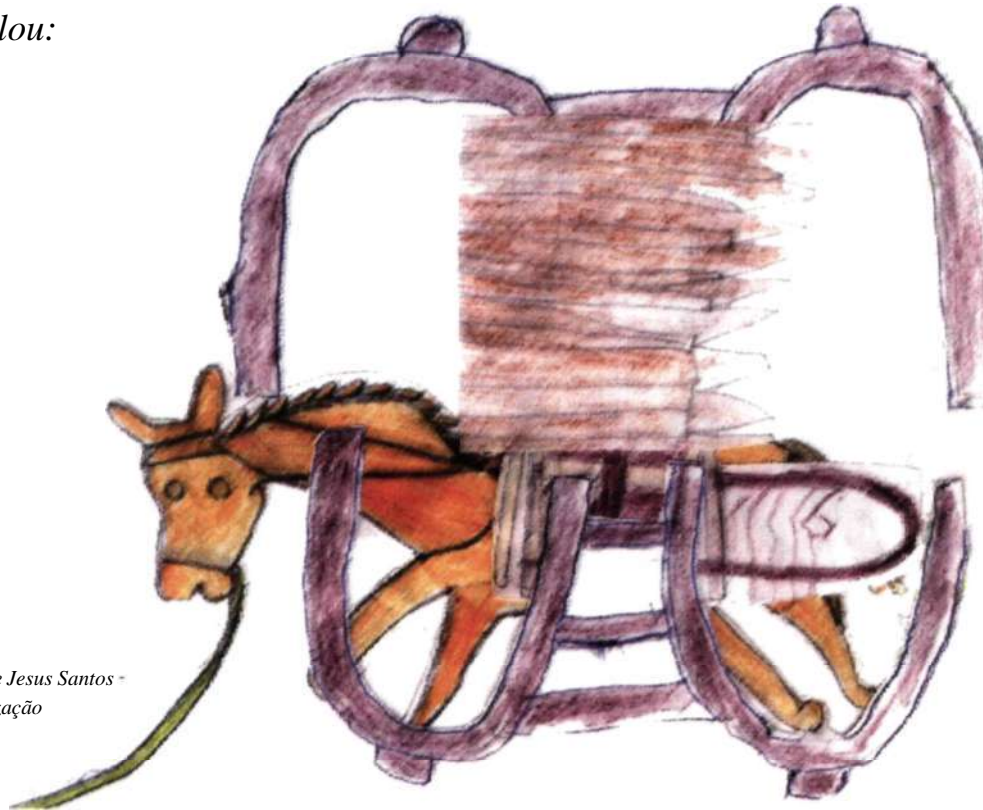
A Bestinha Sabida

Português Oficial

Disse que tinha um homem que tinha vários filhos. E tinha uma Bestinha. Um dia ele mandou um dos filhos apanhar uma lenha. O menino saiu com a Besta e uma Cachorrinha. Aí, com preguiça, botou umas cargas de lenha e, quando estava enfadado, disse:

- Agora eu vou botar tudinho para eu não vir outra vez.

Aí a Besta falou:



*Desenho de Narciso de Jesus Santos -
adolescente - alfabetização*

- O, não é nas suas costas!

Aí agora, ele teve medo! Jogou a lenha que tinha botado e correu!

Chegou em casa e disse:

- Meu pai, eu não vou mais buscar lenha não.

- Por que meu filho?

- Porque a Besta falou.

- Tu estás com preguiça, moleque. Tu vais!

Aí a Cachorrinha disse:

- Falou que eu vi.

Então o pai do menino gritou:

- Tu estás falando, eu vou é te matar.

E foi ver o Machado. Quando ele foi arribando-o para matar a Cachorra, o Machado disse:

- E ela não me morde não?

Aí ele se assustou, tangeu o Machado para o mato que foi cair lá junto dum Porco. E o Porco disse:

- Quando você jogar suas coisas, repare quem está na frente.

Foi aí que o homem morreu. O homem morreu de choque. Falou Besta, falou Cachorra, falou Machado e falou Porco!

E acabou a história.

A Galça Medrosa

Fala da Contadora

A amiga galça fez um ninho num pauzão alto pra botar os ovinho. Aí tirou 4 fiinho; saiu 4. E ficou lá em cima muito alegre com esses fiinho. Aí quano foi, a amiga raposa viu, deu fé; quando deu fé, chegou no pé de pau e chamou:

- Amiga galça!

Disse:

- Oi!

Ela disse:

- Me dê um fiinho, amiga galça, pra eu cumer, que eu tou morreno de fome. , A,



Desenho de Narcisa de Jesus Santos - adolescente - alfabetização

Aí a amiga galça:

- Num dou não, amiga raposa, meu fiinho.

-Dê, amiga galça, senão eu assubo no pau e como tudo.

Aí disse que ela pegou o fiinho, jogou. Ela - paco! - comeu. Aí foi treis veis. Aí o bambião, que é o mesmo canção, (Era um passarinho grande!) chegou. Passou e disse que ela tava chorano. Ele perguntou:

- O que tem, amiga galça?

Ela respondeu:

- A amiga raposa já comeu meus fio todo. Só tem um e ela vem já.

Disse:

- Amiga galça deu?

Disse:

- Dei.

- Por que, amiga galça?

- Porque ela disse que subia no pau e comia tudo. Eu dava.

- Largue de ser tola, que raposa num sobe em pau.

Aí ela disse:

-E não?

Disse:

-Não.

Ficou alegre:

- *Apois eu vou ficar com esse fiinho.*

- *Quano ela passar, que pedir... Você diga assim, quano ela pedir - "Eu assubo e como o derradeiro ". Você diga: "Suba! "*

Aí disse que ela disse mesmo. Quano ela passou, disse que ela disse:

- *Me dê, amiga galça, o fiinho pra eu comer, senão eu num durmo de noite.*

Aí amiga galça já tava valente, disse:

- *Não, não, eu num dou não que ocê já comeu meus fio tudo.*

- *Pois eu assubo e como o resto.*

Aí ela disse, a galça disse:

- *Apois vá, assuba!*

A raposa fez a força de subir, as careta de subir e num subiu. Que ela juntou no pau, aum-aum-aum, que num subiu.

Aí disse:

- *Ah, eu sei o que é. Isso foi armada do amigo bambiãõ que lhe disse que eu num subo no pau.*

Aí disse:

- *Num sei.*

Disse:

- *Mas ele me paga. Me paga. Desta vez, ele me paga.*

Aí chegou lá na casa da amiga raposa, cortou pau, fez uma arapuca e armou; botou uma espigona de mio denda arapuca. Bambiãõ..., pegou. Pegou o bambiãõ. Disse:

- *Agora eu vou passar na casa da amiga galça pra mostrar a ela. E eu peguei você ou num peguei?*

Aí ele disse:

- E, mas me leve vivo. Pegado não.

Aí chegou lá, passou assim. Ela disse:

- Han, han, amigo bambiã, que fracasso é este?

Aí o bambiã:

- Diga assim, amiga raposa: Num é de sua conta.

Aí ela foi abrir aboca: "Num é de sua conta", aí ele, rum! Voou. Foi simhora. Escapou com a vida.

E acabou a história.

(Em 29 de agosto de 1997)

A Garça Medrosa

Português Oficial

A amiga Garça fez um ninho num pauzão alto para botar os ovinhos. Tirou 4 filhinhos. E ficou lá em cima muito alegre com esses filhinhos. Quando a amiga Raposa deu fé, chegou ao pé da árvore e chamou:

- Amiga Garça.

Ela respondeu:

- Oi!



Desenho de Juliana - 16 anos - 3ª série

- Me dê um filhinho, amiga Garça, para eu comer, que eu estou morrendo de fome.

A amiga Garça respondeu:

- Não dou não, amiga Raposa, meu filhinho.

- Dê, amiga Garça, senão eu subo na árvore e como tudo.

A Garça pegou o filhinho e jogou. A Raposa - paco - comeu. Assim foi por três vezes. O Bambião, que é o mesmo canção, passou e viu a Garça chorando. Perguntou então:

- O que tem, amiga Garça?

- A amiga Raposa já comeu meus filhos todos. Só tem um e ela vem já.

- Amiga Garça deu?

- Del

- Por que, amiga Garça ?

- Porque ela dizia que subiria na árvore e comeria tudo. Então, eu dava.

- Largue de ser tola, que Raposa não sobe em árvore!

- E não?

- Não.

A Garça ficou alegre: " Eu vou ficar com este filhinho".

- Quando ela passar, que pedir, e disser "Eu subo e como o último ", você diga: "Suba! "

Então, a Garça fez assim mesmo. Quando a Raposa passou, disse:

- Me dê, amiga Garça, o filhinho para eu comer, senão eu não durmo de noite.

A amiga Garça já estava valente e falou:

- Não, eu não dou não, que você já comeu meus filhos todos.

- Pois eu subo e como o resto.

Aí a Garça disse:

- Pois vá, suba!

A Raposa fez a força de subir, as caretas de subir e não subiu. Juntou-se à árvore - aum-aum-aum - e não subiu. Foi aí que ela disse:

- Ah, eu sei o que é. Isso foi armada do amigo Bambião que lhe disse que eu não subo em árvore.

A Garça só disse:

- Não sei.

- Mas ele me paga. Desta vez, ele me paga.

Chegou em casa, cortou uns paus, fez uma arapuca e armou; botou uma espigona de milho dentro da arapuca e pegou o Bambião. E disse para ele:

- Agora eu vou passar na casa da amiga Garça para mostrar a ela que eu peguei você ou não peguei?

- E, mas me leve vivo, pediu o Bambião. Pegado não.

Passaram por lá e a Garça gritou de cima da árvore:

- Han, han, amigo Bambião, que fracasso é este?

Aí o Bambião:

- Diga assim, amiga Raposa: "Não é de sua conta".

Ela foi abrir a boca para falar e ele - rum - voou. Foi-se embora. Escapou com a vida. E acabou a história.

Inspetor Cururu

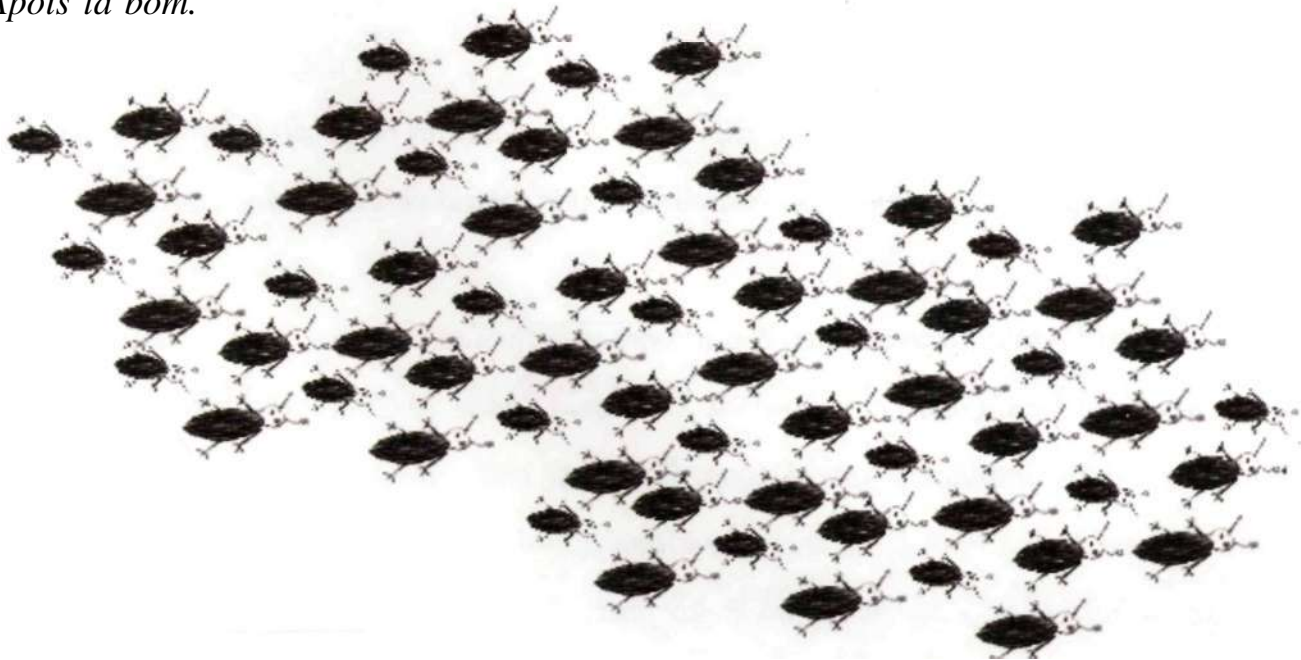
Fala da Contadora

O cueio casou-se com a cueia. Só tinha a casinha, num tinha um tanquinho, num tinha nada. Então, disse:

-Muié, eu vou fazer um tanquinho, fazer uma aventurinha pra fazer um tanquinho pra aparar água.

Ela disse:

- Apois tá bom.



Aí foi. Pegou lá um lugar dum tanque bom. Aí disse que limpou, endireitou tudo, inda começou o barreirinho. Cavou um pouquinho pra um tanquinho pequeno. Cavou um pouquinho. Ah, quando ele voltou, no outro dia, tava um mundo cavado, tudo cavado, de muitão. Aí ele ficou alegre. Disse: "Oi, Deus tá me ajudano! Eu faço num instantinho o tanque." Aí ele trabaiou. Quando foi no outro dia que ele foi cavar, já tava mais fundo o tanque. Quando aprontou o tanque, disse que vei uma trovoada e encheu o tanquinho. E ele passou por lá e viu o tanque cheio. Disse:

- Muié, tu quer ir pra fonte? O tanquinho tá cheinho.*
- Que tá dizendo? Nós num tem água aqui pertinho!*

Ele disse:

- Apois tá cheinho.*

Ela pegou o pote e foi. Chegou lá, ói a raposa lá sentadona no beicho do tanque! Aí disse:

- Aqui ocê num apanha água não; do meu tanque ocê num leva água não.*

Então ela disse:

- Porque o marido dela foi quem cavou o tanque.*
- Não, o tanque é meu. Quem cavou fui eu. O tanque é meu. Num apanha não.*

Num deixou a muié apanhar o pote d'água. Ela foi-se embora Quando chegou lá, disse:

- A raposa num deixou não. Disse que lá eu num apanho água não O tanque é dela.*
- Apois só eu indo lá na casa do inspetor dar parte dela.*

E o inspetor era um cururu, um sapo. Aí quando chegou lá, deu parte dela. Ele disse:

- Esse negócio tá ruim de resolver. Mas o que pode fazer é assim: se ajuntar, fazer uma comunidade. Quem tiver mais é quem ganha. Quem tiver mais gente do lado.

A raposa, mais ligeira, chamou as coisa graúda, mais graúda, mais valente. E ele, quando chegava pra convidar um pra ir pra essa reunião, dizia: "Eu já tou convidado da amiga raposa, a amiga raposa já me chamou". Aí chegou em casa triste, disse:

- Vou perder a questão.

A muié:

-Pro que?

- Proque num achei nada mais.

Mas ela disse:

- Oxe, tem nada o quê! Você vai atrás das miunça.

- Qual é essas miunça?

- Oxém. Oi aonde tem tanto bichinho miúdo. Tem o ixuí, tem o arapuá, tem o besouro mangagá, tem as oropa, tem tudo quanto é pai de abeia, pois num achou as mais graúda.

Ele disse:

- E é mesmo!

Aí saiu convidando a miuçaia, tudo miunça. Era cavalo do cão, era formigão... Aí disse que fez aquela fila. Aí disse:

-Agora é pra eu chegar caminhano e vocês tudo caminhano por o chão. Aí foi ino. Soitaro. E lá se vai. Quando chegou lá, disse que a amiga raposa, toda contente, do lado dela chega tava fachiano de coisa valente, com as coisa braba, cobra mais valente... Os besouro vinha tudo caminhano. E ele na frente, o coelho. E disse que amiga raposa quando viu, disse:

- Ah, ah, amigo coelho, ocê num tá com nada não! Aqui eu faço é assim (e arribou os quarto): pum!

Aí o amigo coelho disse:

- Pois faça isso pro lado deles.

Aí disse que ela: pum! pro lado dos besouro. Os besouro fecharo na bunda da raposa, enliarum tudo. Aí disse que a raposa saiu com os grito e tanto gritava ela como gritava ele:

- Fogo, rapaziada!

E a raposa fechou no mundo e os outro tudo correro dos besourinho. E ele ganhou esta questão. Ele ganhou o tanquinho dele.

(Em 29 de janeiro de 1997)

Inspetor Cururu

Português Oficial

O Coelho casou-se com a Coelhinha. Só tinha a casinha, não tinha um tanquinho, não tinha nada. Então, ele disse:

- Mulher, eu vou fazer um tanquinho, vou fazer uma aventurazinha, um tanquinho para aparar água.

Ela disse:

- Está bom!



Desenho de Narcisa de Jesus Santos - adolescente - alfabetização

Aí ele foi. Pegou lá um lugar para um tanque bom, disse que limpou, endireitou tudo, ainda começou o barreirinho. Cavou um pouquinho, para um tanquinho pequeno. Cavou só um pouquinho. Ah, quando ele voltou, no outro dia, estava um mundo cavado, muitão! Aí ele ficou alegre. Disse:

- Olha, Deus está me ajudando! Eu faço num instantinho o tanque.

Aí ele trabalhou. Quando foi no outro dia que ele foi cavar, já estava mais fundo. Quando aprontou o tanque, veio uma trovoada e o encheu. Ele passou por lá e viu o tanque cheio. Chegou em casa e falou:

- Mulher, tu queres ir para a fonte? O tanque está cheinho.

- Que está dizendo? Nós não temos água aqui pertinho!

- Pois está cheinho.

Ela pegou o pote e foi. Chegou lá, olha a Raposa sentadona no beijo do tanque:

- Aqui você não apanha água não; do meu tanque você não leva água não.

Então a mulher falou que fora o marido dela quem tinha cavado o tanque.

- Não, o tanque é meu. Quem cavou fui eu. O tanque é meu. Não apanha não.

Não deixou a mulher apanhar água. Ela foi-se embora. Quando chegou em casa, disse:

- A Raposa não deixou eu apanhar água não. Disse que lá eu não apanho água não. O tanque é dela.

- Pois só eu indo lá na casa do inspetor dar parte dela - disse o Coelho.

O inspetor era um Cururu. Aí o Coelho foi e fez sua queixa. O Cururu disse:

- Esse negócio está ruim de resolver. Mas o que se pode fazer é assim: se juntar, fazer uma

comunidade. Quem tiver mais gente do seu lado é quem ganha.

A Raposa, mais ligeira, chamou as coisas graúdas, as mais valentes. E o Coelho, quando chegava para convidar alguém para essa reunião, ouvia: Eu, a amiga Raposa já me chamou. Chegou em casa triste:

- Vou perder a questão.

- Por que? - perguntou a mulher.

- Porque não achei ninguém mais.

Mas ela disse:

- Oxe, tem nada o quê! Você vai atrás das miunças.

- Quais são essas miunças?

- Oxe! Olhe, tem tanto bichinho miúdo, tem o ixuí, tem a arapuã, tem o besouro mangagá, tem as europas, tem tudo quanto é par de abelha... Pois se não achou as mais graúdas.

Ele disse:

- E mesmo!

Aí saiu convidando a miuçalha, toda a miuçalha. Era cavalo-do-cão, era formigão... Fez aquela fila! E disse:

- Agora é para eu chegar caminhando e vocês todos caminhando pelo chão.

Aí foram indo. Açoitaram no mundo! E lá se foram. A Raposa já estava lá no tanque, toda contente! Do lado dela, chegava a estarfachando de coisas valentes: onças, ursos, as coisas

bravas, as cobras mais venenosas... Os besouros vinham todos caminhando. E ele na frente, o Coelho. Quando a amiga Raposa viu:

- Ah, ah, amigo Coelho, você não está com nada não! Aqui eu faço é assim (e arribou os quartos): pum!

O Coelho, então, disse:

- Pois faça isso para o lado deles.

Aí ela: pum, para o lado dos besouros.

Os besouros fecharam na bunda da Raposa, enlearam-se todos... E a Raposa aos gritos. E tanto gritava ela, como gritava ele: Fogo, rapaziada! E a Raposa fechou no mundo! E os outros todos correram fugindo dos besourinhos.

E o Coelhoinho foi quem ganhou a questão.

O Papagaio Católico

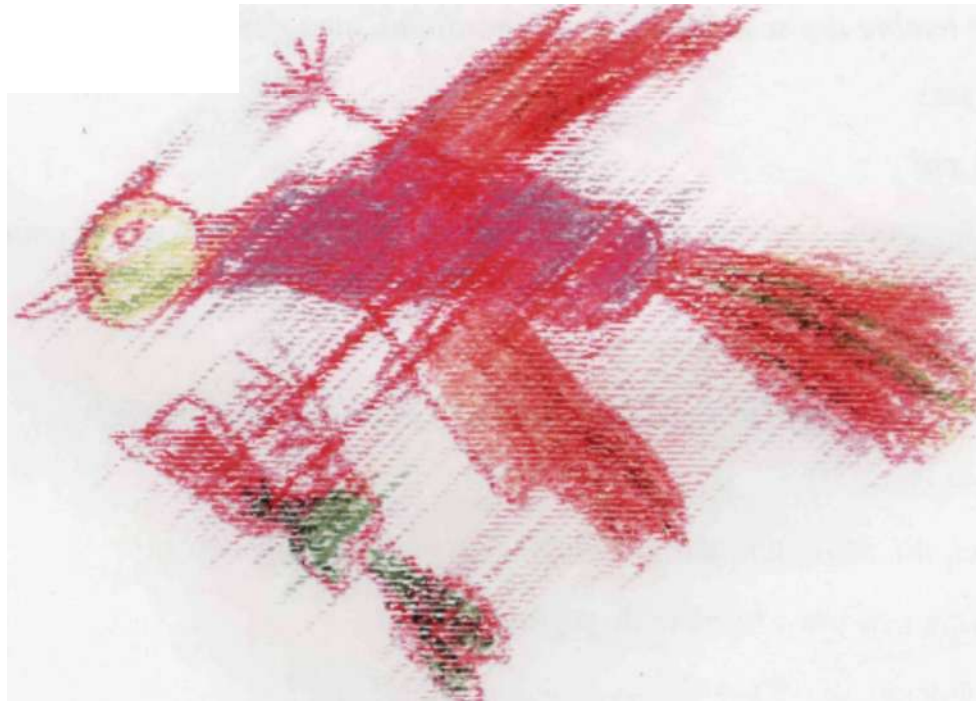
Fala da Contadora

O home tinha o papagaio e o papagaio andava solto. Quando ele queria botar na corrente botava; ele pedia para soltar: "Me solte, que eu vou andar". Aí disse que ele soltou o papagaio e disse:

- Cuidado, louro, senão o gavião te pega. O gavião pega papagaio.

Ele:

- Só num é eu.



Desenho de José Aauto -12 anos - 1ª série.

Aí pegou a andar. Quano foi um dia, disse que ele já tava no quintal da cunzinha, disse que o gavião chegou, paco! E o papagaio gritou:

- Me acuda, João! Chega quo gavião vai me levano.

Caqueles grito penoso...

- Reza aí o terço, João! Reza aí o santofício, João, que o gavião vai me comer! Valhei-me Nossa Senhora!

O papagaio, o gavião subino. Aí disse que ele correu:

- Se lembre do, se lembre da espingardinha, meu papagaio.

Ele fez:

- Ó, pu!

De surpresa, o gavião amoleceu a perna, soltou ele. Soltou, ele caiu no chão, saiu correno, conversano e o home atrás e o gavião foi-se embora. E ele entrou.

Quano chegou dende casa, disse:

- Oi, louro, o que era que eu lhe dizia? Quaje que você morre!

Aí ele disse:

- Foi, foi. Mas eu te batizo Simão, essa e outra rnais não.

Pronto, acabou a história do papagaio.

(Em 30 de maio de 1997)

O Papagaio Católico

Português Oficial

O homem tinha um Papagaio e o Papagaio andava solto. Quando ele queria botar na corrente botava, mas o papagaio pedia para soltar: "Me solte, que eu vou andar". Aí disse que ele soltava o Papagaio e dizia:

- Cuidado, louro, senão o Gavião te pega. O Gavião pega Papagaio.

Ele:

- Só não é eu.



Desenho de José Adauto -12 anos -1ª série.

Sanhuim Falador

Fala da Contadora

Disse que num dia de quinta-feira maior, o home foi matar uma caça pra comer. Aí a muiê disse:

- Num vá não, Fulano, que hoje é dia de quinta-feira maior.

Ele disse:

- Eu vou, eu num vou comer feijão puro, que num se come carne.

Aí a muiê:

- Num vá não.

- Vou!

Mas quando entrou no mato, andou, andou, num viu nada. Aí disse que viu um sanhuim. Viu um sanhuim. Disse que ele disse:



Desenho de José Aauto - 12 anos - 1ª série.

Sanhuim Falador

Fala da Contadora

Disse que num dia de quinta-feira maior, o home foi matar uma caça pra comer. Aí a muiê disse:

- Num vá não, Fulano, que hoje é dia de quinta-feira maior.

Ele disse:

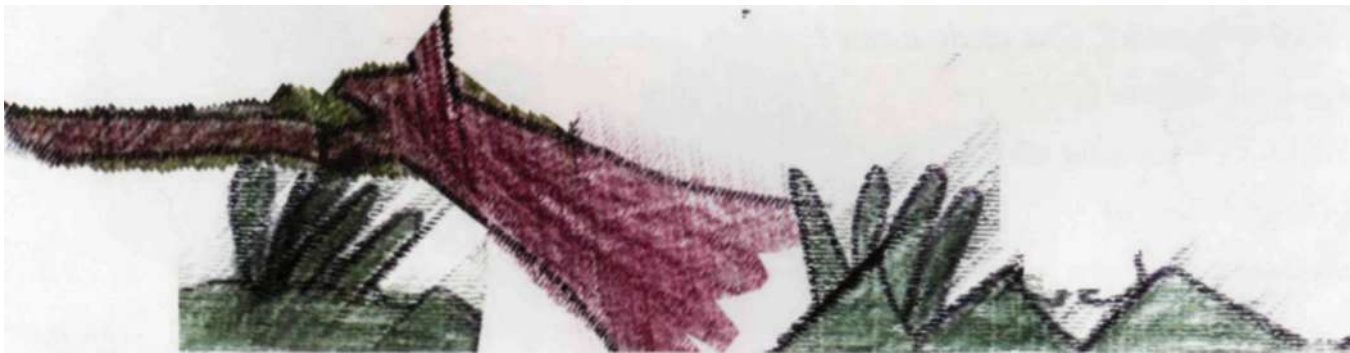
- Eu vou, eu num vou comer feijão puro, que num se come carne.

Aí a muiê:

- Num vá não.

- Vou!

Mas quando entrou no mato, andou, andou, num viu nada. Aí disse que viu um sanhuim. Viu um sanhuim. Disse que ele disse:



Desenho de José Aauto - 12 anos - 1ª série.

- *Eu vou atirar no sanhuim. Só tou veno ele.*

Disse que ele marcava a espingarda, aí disse que ele se escondia, marcava, escondia. Aí disse que ele... Com pouca, disse que o sanhuim se zangou. Disse:

- *Ó meu compadre Marcolino, me segura aqui esse menino. Deixa eu ver o que que esse home quer fazer com eu.*

Aí disse que o home que saiu foi na toda. Ca carreira que ia, entrupicou num topo. Aí foi, o toco disse:

- *Vem doido, ou vem cego?*

Aí foi que o homem correu. Ele seguiu pra casa. Chegou se acabaño, ca boca aberta. A muié dele mesmo vinha da lenha, tangeu o feixe no chão e perguntou:

- *E o que é isso assim?*

Ele disse:

- *Porque eu entrupiquei num topo e ele falou.*

Ela disse:

- *Oxe, você teve medo? Que medo é esse?*

Aí o feixe de lenha foi:

- *E se fosse você, num tia não?*

A muié: tibufe! Caiu lá

(Em 29 de janeiro de 1997)

O Sagiim Falador

Português Oficial

Disse que, num dia de quinta-feira maior, um homem queria ir matar uma caça para comer. Aí a mulher disse:

- Não vá não, Fulano, que hoje é dia de quinta-feira maior.

Ele respondeu:

- Eu vou. Eu não vou comer feijão puro, que não se come carne hoje.

E a mulher:

- Não vá não.

- Vou!



Desenho de Jucélia - 1ª série.

Mas quando entrou no mato, andou, andou e não viu nada. Aí disse que viu um Sagüim. Ele pensou: "Eu vou atirar no Sagüim. Só estou vendo ele ". Disse que marcava a espingarda, o Sagüim se escondia; marcava, ele se escondia. De repente, o Sagüim se zangou:

- Ô meu compadre Marcolino, me segure aqui esse menino (que era um pequeno sagüim). Deixe eu ver o que é que esse homem quer fazer comigo.

Aí disse que o homem saiu à toda. Com a carreira que ia, entropicou num Toco. Aí o Toco disse:

- Vem doido, ou vem cego?

Aí foi que o homem correu. Seguiu para casa. Chegou se acabando, com a boca aberta. A mulher que vinha da lenha chegou, jogou o Feixe no chão e perguntou:

- E o que é isso assim?

Ele disse:

- Porque eu tropiquei num Toco e ele falou.

E a mulher:

- Oxe, você teve medo? Que medo é esse?

Aí o Feixe de lenha:

- E se fosse você? Não tinha não?

A mulher: tibufe! Caiu lá.

Aí acabou a história.

Saída do Caboco

Fala da Contadora

O caboco saiu pra trabaiaar o branco. O caboco era muito bom. O branco gostou do caboco. Ajeitou ele trabaiaar com esse branco. Aí disse que ele:

- Agora eu vou dar um pedaço de terra a esse caboco pra ver o que é que ele vai fazer com ela, como é que ele faz.

Aí:

- Caboco, você plante este pedaço de terra, roce, cultive essa terra que é sua. Aí disse que ele meteu a foice, roçou, derrubou, coivarovou. Chuvono, foi prantar. Só prantou abobra. Outra coisa num plantou. Aí:



Desenho de Jocimar de Jesus - 7 anos - 1ª série

- *Mas que é que esse caboco vai fazer com tanta abobra ? Deixe ele pra lá. Aí disse que, quano foi um dia, botou uma cargona de abobra e foi vender na feira; disse que num achou quem comprasse uma. Voltou com a carga de abobra. O branco perguntou:*

- *Vendeu as abobra, caboco?*

O caboco respondeu:

- *O povo num quer não.*

Quano soube de outra feira, foi. Tava arrumano a carga, o branco disse:

- *Caboco, vai vender as abobra?*

O caboco, calado. Aí ele mesmo falou. O branco disse:

- *Diga, caboco, se Deus quiser!*

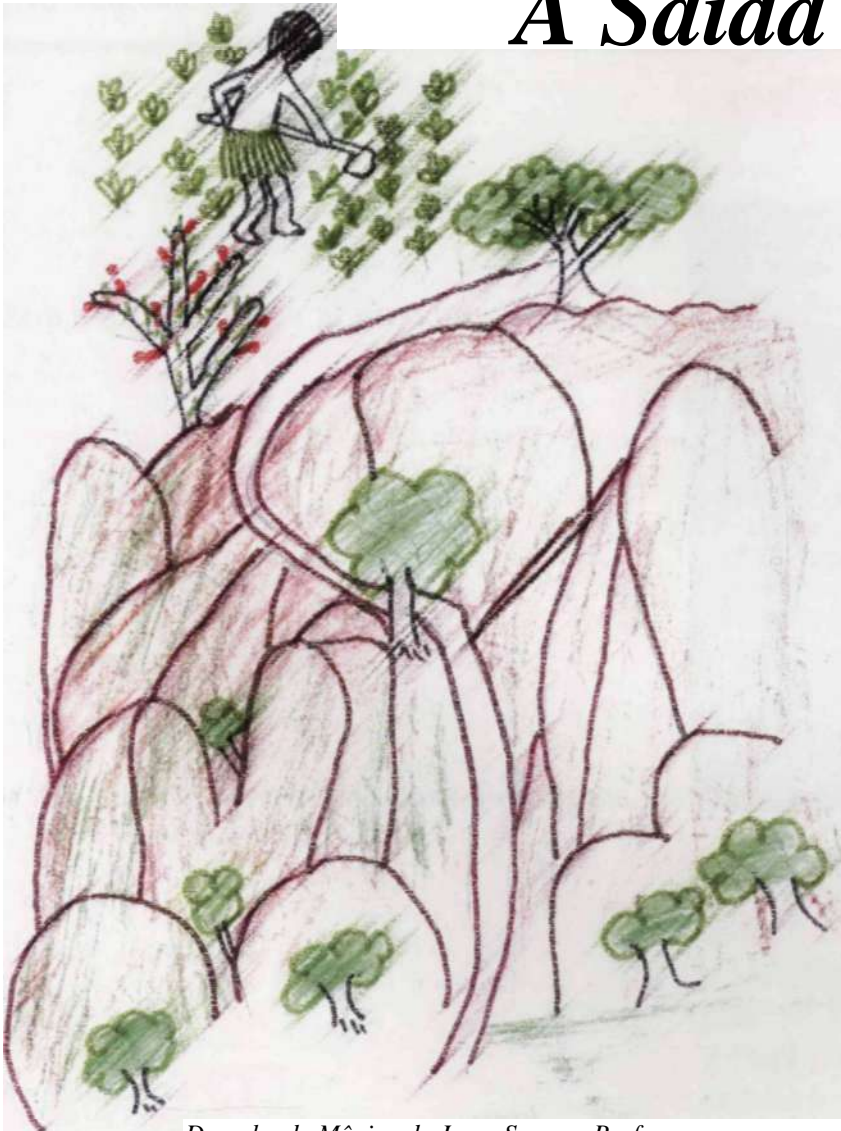
O caboco respondeu:

- *Se Deus num quiser, eu vendo a outro.*

E ele vendeu. Num ficou uma. E prosperou com essas abobra. Enricou.

(Em 19 de abril de 1997)

A Saída do Caboclo



Desenho de Mônica de Jesus Souza - Professora

O caboclo saiu para trabalhar com um branco. O caboclo era muito bom. O branco gostou do caboclo e o caboclo se ajeitou a trabalhar com esse branco. Aí o branco pensou: "Agora eu vou dar um pedaço de terra a esse caboclo para ver o que é que ele vai fazer com ela, como é que ele faz". E assim fez:

- Caboclo, você plante este pedaço de terra, roce, cultive essa terra que é sua.

Aí disse que o caboclo meteu a foice, roçou, derrubou, coivarovou e, quando choveu, foi plantar. Só plantou abóbora. Outra coisa não plantou. O branco imaginou: "Mas que é que esse caboclo vai fazer com tanta abóbora? Deixe ele para lá". Quando foi um dia,

o caboclo botou uma grande carga de abóbora e foi vender na feira. Disse que não achou quem comprasse uma. Voltou com a carga toda. O branco perguntou:

- Vendeu as abóboras, caboclo?

O caboclo respondeu:

- O povo não quer não.

Quando soube de outra feira, foi. Estava arrumando a carga para ir, veio o branco e disse:

- Caboclo, vai vender as abóboras?

O caboclo ficou calado.

Aí o branco mesmo falou:

- Diga, caboclo: se Deus quiser!

O caboclo respondeu:

- Se Deus não quiser, eu vendo a outro.

E ele vendeu. Não ficou uma. E prosperou com essas abóboras. Enricou-se.

História de Vital Luís de Souza



Vital Luis de Souza nasceu em 1934, em Lagoa Grande. É mestre de zabumba. Faz composições e toca flauta. Constrói tambores com a madeira que ele mesmo corta, tamboril Na foto, ele esculpe um paú (cachimbo), instrumento utilizado nos rituais.

José e Maria

Fala do Contador

Primeira Parte

Tinha dois índio, né? Um home e uma muié. Aí tvero dois filhinho, um José e outro Maria. Aí eram pobrezinho, eles num tinha de comer pra dar aos fio, né? Aí eles tentaram de jogar os fio na mata, né? Pros bicho comer. Aí ele conversou cum a mãe dos menino, aí a mãe disse:

- E, nós num tem o que dar de comer a eles...



Desenho de Narciso de Jesus Santos - adolescente - alfabetização

Aí combinam os dois, né? No outur dia bem cedo, o pai pegou o machado e o cumbuquinho e a Maria cum um cumbuco tamém e o José cum um badogue. Aí viajaro pro mato. Aí quano chegam lá, longe da casa, aí o pai disse:

-Agora, José mais Maria, cês fiquem aqui, que tem muita beija-flor aqui neste cansanção; aí cês vão matar. E eu vou caçar uma abeia. Quano ocês vere bater no pau, cês vão pra lá que é eu que já achei uma abeia.

Aí bem, aí ficam. Quano foi já tarde, aí ouviro bater, né, no pau: tó-tó-tó, três pancada. Aí José disse:

- Oi, Maria, papai já achou uma abeia.

Aí ela disse:

- Já memo, vamo pra lá, vamo.

Aí viajaro. Aí quano chegam lá, era um cumbuco bateno no pau. Quando o vento dava, o cumbuco batia no pau: pof-pof. Aí...

- Quede papai? E papai foi pra onde?

Aí ficam por ali preocupado donde ele foi. Aí, que andam caçano o pai, num acham... Aí...

- Já tamo perdido, na catinga.

Aí disse :

-Agora, Maria, nós vamo ficar no mato, memo, né? E o jeito.

Aí passou o dia, entrou a noite. Aí eles subiu no pau alto, forum dormir em cima; dormir não, passar a noite, né? Aí passam a noite. Quano foi no outur dia bem cedo, sairo caminhano no mato assim, matano passarinho, cumeno cru pra num morrer de fome. Aí, quano foi passado muitos tempo, sairo na casa duma, duma véa. Mas o José tinha deixado a Maria longe, lá num lugar. Ele saiu:

- Maria, ocê agora fica aqui que eu vou caçar um negócio ali.

Ela ficou esperando ele. Aí ele deu cum... saiu na casa de uma véa. A véa tava fazeno bolo. Tirava aqueles bolo quano assava, botava lá num lugar. A véa era cega, num enxergava. Aí, e o José tava pasturano. Aí fez um bico numa vara e ficava enfiano nos pedaço de bolo; corria, levava a Maria lá no mato. Passou. Quano foi lá um tempe, já tavum grandinho já. Aí quano foi lá um tempe, aí a Maria disse:

- O José, eu vou tomém mais você hoje, pra mode eu ver essa véa fazeno bolo.

Aí ele disse:

- Não. Ocê num vai não porque ocê é muito é da risona e vê e ocê vai achar graça. Ela vai pegar nós, que ela é um bicho. Ela é bicho.

- E é?

Disse:

-E.

- Mas eu vou assim mesmo, eu num riso não.

Aí viajou mais Zé. Ele na frente e ela atrás. Quano eles chegaro, ele disse:

-E aqui.

Aí a véa assano os bolo, botava na bacia. E José espetava com a vara e dava pra Maria. Aí agora a véa, quano foi pegar, passar a mão, num achou. Aí Maria achou graça alto, né, aí soltou um riso e a véa ouviu:

- Ah, é vocês que tão cumeno meus bolo!

Aí foi só pegar os dois, a véa, aí só foi pegar os dois menino, né?

- Vem pra cá!

Mordeu no dedo:

- Tão maguinho, tão maguinho!

Trancou lá dentro dum quarto, né, trancado assim dendum quarto pra engordar, pra ela cumer. Aí José disse:

- Eu num disse, Maria, que a véa ia cumer nós? Nós agora vamo morrer mesmo, que a véa vai cumer nós. A véa vai cumer nós.

Aí a Maria ficou chorano, chorano cum medo, né, trancada ali dendo quarto. Aí José, passou uns dia, aí a véa disse:

- José, me dê seu dedo mode ver seja tá gordo.

Ele mostrava. Aí ela picava o dente:

- Tá magro.

Um dia ele achou uma lagartixa dessas de parede assim, que mora nas casa da gente assim, a lagartixa, o rabo grosso. Aí ele pegou, torou o rabo. Quano a véa pedia, ele empurrava era o rabo na fechadura da porta. Aí a véa mordia:

- Tá magro.

Levano muitos tempo, muitos tempe, aí tudo já criado, tudo já rapaz e a Maria moça, mocinha. Tava cum muitos ano. Aí eles preso lá. Aí lá um tempo, Maria, muito da risona, né, e brincadeira, aí brincano denda camarinha, tangeu o rabo da lagartixa pro lado de fora. Aí perdero; aí José se zangou cum ela:

- Agora quano a véa vim, você vai mostrar seu dedo.

Aí, quano foi um dia, a véa:

- Zé, me dá o dedo aí mode ver se já tá duro.

Zé disse:

- Agora, Maria, você empurra seu dedo.

Aí ela empurrou o dedo. A Maria empurrou o dedo na fechadura. Aí ela mordeu o dedo disse:

- Ah, já tá gordo. Tá gordo, tá bom de cumer.

Aí botou eles pra fora. Soltou. Soltou eles, Quano acabou, disse:

- Agora, meus netos, (Ela já chamava meus netinhos). Agora, meus netinhos, cês vão pra lenha. (Ela era cega). Cês vão pra lenha.

Aí agora soltou os menino. Soltou os menino. Aí agora disse:

- Vamo, meus netinho, vamo. Vão pra lenha que é mode cender o fogo. Aí eles foro pra lenha, todos dois chorano, que iam morrer. A véa ia comer. Aí conde viajaro pra lenha, pra caçar lenha, né, pra cender o fogo, quande chegaro lá no mato, eles caçano lenha e chorano, aí chegou uma muié disse, chegou uma muié, uma veinha, disse:

- Meus fio, por que ocês tão chorano?

Aí eles:

- Nós tamo chorano porque nós...

E contaro o caso, né:

- Que papai sortou nós no mato pra nós morrer. Inté hoje nós tamo vivo e saímo aqui na casa duma véa e ela tá mandano a gente pra lenha pra cunzinhar pra botar água no fogo pra cunzinhar nós.

Aí a véa disse:

- Não, num chore não, que cês caça lenha...

Aí eles caçaro a lenha, caçaro a lenha.

- Cês faça o feche. Cabar vão... Agora quano chegar lá, que ela mandar cês acender o fogo, ocês acende; mandar ir pra fonte, cês vão... Que aí conde ela mandar cês botar o cardo no

fogo, cês bote; quano a água tiver freveno, no fogo, quano o tacho tiver chei d'água freveno, ela manda cês dançar cum uma perna só, rodeano, e ela vai atrás de ocês. Aí cês diga que num sabe não; cês diga assim, (a outra muié ensinano) aí cê diga que num sabe, cê diga: "Oi, Vó, ói, vovó nós num sabe não. A senhora dança na frente, que nós dança atrás. Quano nós aprender, nós dança na frente de vovó. " Quando ela for dançano na frente, cês dão um empurrão nela dendo do tacho, cês dois, ajunta os dois junto, dê um empurrão nele que ela cai dendo tacho. Quem vai morrer é ela.

Aí bem assim fizeram. Aí view simhora, chegam, ela:

-Agora, vão pra fonte.

Chegam, foro pra fonte. Aí, quano chegam da fonte, botam água no tacho, botam no fogo e cendero, picam fogo. Quando o tacho tava freveno, aí ela mandou eles dançar. E... sim, aí ela disse que, quano eles matasse a véa, a véa caía dendo tacho dizem assim, quano a véa cair dendo tacho, ela dizia: "N'água, meus netinho", que era pra ele cairem tamém, cês diga assim: "Azeite, minha avó".Quano ela disser, "N'água, meus netinho", cês diga: "Azeite, minha avó!" Aí, bem assim, e denda véa... Quano cês matar ela, quano ela morrer, cês tira dendo tacho, denda véa tem cobra, tem toda fera braba tem denda véa. Aí cês mata tudinho. Aí tem dois cachorro e uma espingarda. Cês tira a espingarda pra ocês e os dois cachorro ocês num mate não. Agora os outro, o que for de cobra, o que for de tudo de fera, pode matar. Aí... aí agora eles fizeram. E o nome dos cachorro, a outra muié ensinou a eles: chamava um Pensamento e outro Cortavento. O nome dos cachorro. Aí.. Aí agora eles voltam. Aí fizeram isso tudo. Quano chegam na casa, botam o tacho no fogo, tocam fogo. Quano tava freveno, a véa disse:

- Já tá freveno. Agora cês dancem os dois aí na frente.

Eles disse:

- Não, a véa dança na frente que nós dança atrás. Aí... vai ensinano, vai ensinano nós. Nós num sabe.

Ela:

- E assim.

Saiu pisano, rodeano, né? Aí eles juntaro em cima da véa, dero um empurrão, ela virou no tacho: tchá, dendo tacho d'água. Ela ai:

- Agua, meus netinho!

Eles dizia:

- Azeite, minha avó.

Ficou até quano ela morreu, gritano. Aí viraro o tacho, derramam. Abriro. Quano abriro, a cobra e os dois cachorro, os cachorro e a espingarda. A espingarda eles tiram; o resto eles matam tudo: era sapo, todas fera do mato: cobra, carangueja, cascavel, tudo. Aí matam tudo. Aí... E os cachorro era pra eles criar, pra os dois criar. O José e a Maria criam os dois cachorro.

Segunda Parte

Aí, bem, aí quano eles fizeram esse trabaio cum a véa, quano terminam:

- Aí agora, Maria, agora nós vamo simbora, nós num vamo ficar aqui não.

Aí viajam. A véa, já tinham matado. Viajam, foram simbora pro mato. Chegam muito longe, o José disse:

- Agora, Maria, nós jicamo, vamo fazer um paradero por aqui, aqui no mei da mata.

Aí fizeram, fizeram uma latadinha de paia de pindoba, de cravatá, entram pra debaixo. Quano foi passano muitos tempe debaixo dessa, dessa tocinha, José um dia saiu pra caçar. A Maria ficava no rancho. Quano foi um dia, chegou um bicho, chegou um bicho (A gente chama um

bicho home), iludiu Maria. Aí chegou este bicho aí preguntano a Maria se ela queria morar cum ele. Se ela quisesse, era pra ele dar fim ao José. Que se o José visse ele, José matava o bicho. Aí Maria ficou sem juízo com o bicho e treçoou o José. Fez uma treição com José, que o bicho falou:

- Quano José sair, cê diga que né mode ele levar os cachorro, pra dexar os cachorro (que era pra dexar os cachorro amarrado. Amarrar os cachorro bem amarrado, que ele ia dar fim ao José lá no mato; o bicho ia comer o José lá no mato. Que ele num podia fazer nada mode os cachorro).

Quanofoi um dia, aí a Maria foi e disse:

- Zé, amanhã eu quero que você deixe os cachorro porque anda aqui um negócio de um bicho quereno me cumer. E pra você deixar os cachorro.

Aí:

- Tá bem.

Ele deixou amarrado os cachorro. Todos dois. Deixou todos dois amarrado. Aí garrou pro mato. Quano chegou lá no mato, ele tentou de subir num pau que tinha uma abeia lá no pau. Aí ele subiu com a espingarda. Aí quano ele tava lá em cima, o bicho chegou debaixo do pau:

- Desça pra baixo!.

Aí ele disse:

- Num desço.

Desce, num desce; desce num desce... Aí ele gritou os cachorro (os cachorro amarrado)... Aí quanofoi lá uma hora, ele gritano por Pensamento, Cortavento:

- Oôô Pensamento, óôôô Cortavento!

Aí quano viu, os cachorro escutou assim a voz do amo, torou a corda, saiu. Chegam lá, mataro o bicho. Quano o bicho deu fé, eles riscaro em cima, ar rodeado cum os cachorro. Aí pegaro o bicho e mataro. Aí o José desceu do pau. Aí vei simbora:

- Maria, um bicho quaje me mata.

-E foi?

Foi.

- Matou ?

- Matei. Os cachorro mataro.

- Aí, bem, aí vamo simbora. Num vamo ficar aqui mais não.

Aí viajaro no mato de novo. Forum caminhano. O que eles achava cumia cru, né? Já tinham virado bicho tamém. Já tinham virado bicho tamém. Aí ela... já erum tudo já rapaz. O José já era home e a Maria tamém, já era mulé. Aí, lá um tempo, um dia aí pássaro num taiado, um talado muito alto, um bichinho assim, certim assim, num taiado. Aí a Maria chegou:

- Oi, Zé, vem olhar aqui!

Quano José chegou, oiou. Quando oiou, ela deu empurrão nele, ele desceu cabeça abaixo. Aí ele desceu cabeça abaixo. Quano ele desceu, os cachorro descem tamém. Aí pegaro ele cá embaixo, os cachorro. E ela ficou cá em cima achano graça. Aí tamém ele nem deu o caso por meno. Quano foi lá uns tempe, acho que ela já tinha esquecido, né, aí passam noutro taiado do mesmo jeito. Aí ele chegou:

- Oi Maria, disse (do mesmo jeito).

Chegou, oiou. Empurrou ela, ela desceu cabeça abaixo e morreu. Aí ela morreu, os cachorro num descem atrás. Ela tinha falseado ele, né, duas vez. Aí morreu a Maria, só ficou ele, só.

Terceira Parte

Aí viajou com esses cachorro muitos tempe. Quano foi lá um tempe, ele saiu na estrada. Passava uma estrada na mata: "Passa uma estrada aqui e eu vou pra cá". Saiu na estrada assim, pulou do outro lado, desceu estrada abaixo. Viajou, viajou, quano foi quaje perto do mei-dia, chegou numas pedreira, tinha uma moça sentada lá enriba de uma pedra, chorano. Tinha uma moça chorano. Aí ele disse: "Ali é uma pessoa ". Aí ele deu pra lá. Chegou lá, tava ca cabeça baixa ali chorano. Aí ele, ele disse:

- A senhora chora por que?

Eu tou chorano porque o meu pai me botou aqui no jeito de isca dum bicho numa fera que tá eumeno o povo, que vai entrar na cidade e ele me botou aqui, que já acabou as isca tudo. Só tinha a fia.

E o pai dela era um reis. Eia dum rei. Aí disse:

- Que fera é essa?

- Uma fera aqui braba que num tem quem mate. E passa aqui mei-dia. Ele disse:

-É?

Aí ela disse:

- O senhor corra, não fique aqui não. Ele tamém...

Aí ele disse:

- Não. A senhora vai simhora que eu fico no seu lugar.

Aí ela suntou que num dava certo. Quano chegava lá, o pai matava, que ela tinha corrido. O bicho ia atrás, ia entrar na cidade. Aí ela disse:

- Não. Eu só saio daqui quano o bicho chegar.

Aí ele disse:

- Então eu fico por aí.

Aí ficou. Aí ela disse:

- O, tá veno aquela zoada? Já é o bicho que já vem.

- E é?

- Aquela zoada. Já vem pra cumer a isca que tava veno.

Aí quando o bicho chegou, ele gritou os cachorro. Os cachorro pegaro o bicho e matou a fera.

Aí matou. Aí agora disse:

- Ah, agora ce vai simbora, pra casa de seu pai, que eu vou viajar, entrar aqui na mata.

Ela disse:

- Não, né pra ir não. Que é mode amostrar que matou o bicho, a fera.

Aí ela...

- Cê vai mais eu pra lá pra cidade.

Aí ele disse:

- Eu num posso ir não, mode meus dois cachorro. São uma fera.

- Não, tem nada não. Vumbora.

Aí viajou, levou ele pra cidade. Quando chegou perto, aí ela deixou ele escondido, porque ele tava, andava nu. Andava nu. Aí deixou ele escondido. Aí chegou lá disse o pai. Aí o pai duvidou. Aí tinha um príncipe, que queria casar com essa moça, né? Ai correu, quando ela contou a história, foi aí, foi reparar o bicho. Aí o rei disse que a moça ia casar mesmo. A moça, logo que tinha matado o bicho, a moça ia casar com o rapaz que tinha matado o bicho. Aí o príncipe, correu, foi lá. Chegou lá, achou o bicho morto, tirou as duas presa do bicho e

trouxe. As segunda presa. Mas o outro já tinha tirado as premeira, ele já tava cum elas, as premeira presa. E esse tirou as segunda. Aí, ajuntou, ficou, aí foi tanta gente que foi tirar as presa:

- Oi aqui, rei, meu senhor, aqui as presa do bicho, quem matei foi eu!

Era pra casar com ela, a moça. A moça:

- Não, num foi ele quem matou.

Aí trataro: é pra casar com ele. Ou casava ou o pai passava a forca nela, cortava o pescoço da moça que num queria casar com o príncipe que tinha matado o bicho. Aí ela comprou roupa, caçado pro rapaz, pro caboco que tinha matado o bicho. Aí, sem dizer nada ao pai. Costurava de noite. Comprou chapéu, comprou roupa... Quano foi tantas hora, cum três dia já, ela aprontou. Aí levou ele na cabelaria, pra barbearia, né, pra fazer o cabelo, né, fazer a barba. Aí levou ele pra lá vestido já. E os dois cachorro atrás. E a espingarda. Aí, quano foi, quano ela aprontou ele tudo, aí ela levou ele pra casa do pai. Aí chegou lá, ela disse:

- Oi, papai, quem matou o bicho foi este.

O José tirou as premera presa do bicho. Aí agora ele perguntou:

- Foi esse mesmo?

- Foi. Os cachorro dele.

Aí agora, chamou o outro, levou ele pra forca que ele ia robar a ausência do outro pra casar cum a moça. Aí levou pra forca, torou o pescoço. Aí agora casou cum o caboco. Casou cum este índio, esta princesa! Aí passou-se, passou-se, teve três dia de festa. Cum três dia em diante que eles tinham casado, os cachorro desgostam, aí foro simbora. E ele só ficou cum a muié.

E acabou a história.

(Em julho de 1997)

José e Maria

Português Oficial

Primeira Parte

Eram dois índios, um homem e uma mulher. Tiveram dois filhinhos, um José e outro Maria. Eram pobrezinhos... Não tinham nem comida para dar aos filhos. Aí eles tentaram jogar os filhos na mata para os bichos comerem. Ele conversou com a mãe dos meninos. Ela disse:

- E, nós não temos o que dar de comer a eles...

Os dois ficaram combinados. No outro dia bem cedo, o pai pegou o machado e a cumbuquinha. A Maria com uma cumbuca também e o José com um badogue. Viajaram para o mato. Quando chegaram lá, longe da casa, o pai disse:



Desenho de Narciso de Jesus Santos - adolescente - alfabetização

- Agora, José e Maria, vocês fiquem aqui, que tem muito beija-flor neste cansaço. Vocês vão matar. E eu vou procurar uma abelha. Quando vocês ouvirem bater no pau, vocês vão para lá que sou eu que já achei uma abelha.

Aí bem. Ficaram. Quando foi já tarde, ouviram bater no pau: tó-tó-tó, três pancadas. José disse:

- Olhe, Maria, papai já achou uma abelha.

E ela disse:

- Já mesmo, vamos para lá, vamos.

E foram. Quando chegaram lá, era uma cumbuca batendo no pau. Quando o vento dava, a cumbuca batia no pau: pof-pof... Eles, então, perguntaram um ao outro: "Quede papai? E papai foi para onde?" Ficaram por ali preocupados para onde teria ido ele. Andaram procurando o pai, não acharam... Pensaram: "Já estamos perdidos na catanga". José disse:

- Agora, Maria, nós vamos ficar no mato mesmo, não é? E o jeito.

Tinha passado o dia, entrou a noite. Eles subiram no pau alto, foram dormir em cima. Dormir não, passar a noite. Aí passaram a noite. Quando foi no outro dia bem cedo, saíram caminhando no mato, matando passarinho, comendo cru para não morrerem de fome. José fez um ranchinho e ficaram no mato. Já passado muito tempo, um dia, José deixou Maria num lugar e andou mais adiante. Disse a ela:

- Você agora fica aqui, que eu vou caçar ali.

Ela ficou esperando-o. Foi aí que ele deu com a casa de uma velha. A velha estava fazendo bolo. Tirava aqueles bolos assados e botava na bacia. A velha era cega, não enxergava. Aí José, que estava pasturando ali, fez um bico na ponta de uma vara e ficava enfiando-o nos pedaços de bolo. Corria e levava a Maria lá no mato.

Passou muito tempo. Já estavam grandinhos. Quando foi um dia, Maria disse:

- Ô José, eu vou também com você hoje para eu ver essa velha fazendo bolo.

Ele não concordou:

- Não. Você não vai não, porque você é muito da risonha, você vai achar graça e pode a velha nos pegar, que ela é um bicho.

- E é?

-E.

- Mas eu vou assim mesmo, eu não rio não.

Aí foi com Zé. Ele na frente e ela atrás. Quando eles chegaram, José disse:

- E aqui.

A velha estava assando os bolos e botava-os na bacia. E José espetava com a vara e dava para Maria. Quando a velha foi procurar o bolo, babatando com a mão, não achou. Maria achou graça alto e soltou uma risada. A velha ouviu:

- Ah, é vocês que estão comendo meus bolos!

Aí foi só pegar os dois: "Venham para cá!" Mordeu no dedo: "Estão magrinhos, estão magrinhos!" Trancou-os lá dentro de um quarto, para engordar, para ela comer. Aí José falou:

- Eu não disse, Maria, que a velha ia nos comer! Nós agora vamos morrer mesmo, que a velha vai nos comer.

Maria ficou chorando, chorando com medo, trancada ali dentro do quarto. Passaram-se uns dias. Aí a velha disse:

- José, me dê seu dedo para eu ver se já está gordo.

Ele mostrou. Ela picou o dente:

- Está magro.

Um dia ele achou uma lagartixa dessas de parede assim, que mora em nossas casas, uma lagartixa de rabo grosso. Ele pegou e cortou o rabo. Quando a velha pedia seu dedo, ele empurrava era o rabo da lagartixa na fechadura da porta. A velha mordida e dizia:

- Está magro!

Muito tempo se passou. José já era rapaz e Maria, mocinha. E presos ali. Maria, muito da risonha, brincando dentro da camarinha, jogou fora o rabo da lagartixa. Perderam o rabo da lagartixa. José se zangou com ela:

- Agora, quando a velha vier, você vai mostrar seu dedo.

Quando foi um dia, a velha veio:

- TA, me dá o dedo aí para eu ver se já está gordo.

José disse:

- Agora, Maria, você empurra seu dedo.

Maria empurrou o dedo na fechadura. A velha mordeu o dedo e disse:

- Ah, já está gordo! Está bom de comer.

Aí botou-os para fora. Solto os dois. Quando acabou, disse:

- Agora, meus netos, (Ela já os chamava de meus netinhos) vocês vão para a lenha. Vão buscar lenha que é para acender o fogo.

Eles foram para a lenha, todos dois chorando, pois iam morrer. A velha ia comê-los. Quando chegaram lá no mato, procurando lenha e chorando, apareceu uma mulher, uma velhinha, que perguntou:

- Meus filhos, por que vocês estão chorando?

Eles responderam:

- Nós estamos chorando porque nós...

E contaram o caso:

- Papai nos soltou no mato para nós morrermos e até hoje nós estamos vivos. Um dia, saímos na casa de uma velha onde vivemos faz muito tempo. Hoje, ela mandou a gente buscar lenha para botar água no fogo e nos cozinhar.

Aí a velhinha disse:

- Não, não chorem não. Peguem a lenha, façam o feixe. Quando acabarem, vocês vão. Agora, quando chegarem lá, que ela mandar vocês acenderem o fogo, vocês acendem; mandar irem para a fonte, vocês vão. E quando ela mandar vocês botarem o caldo no fogo, vocês botem. Quando a água e tiver fervendo e ela mandar vocês dançarem com uma perna só, rodeando, e ela atrás de vocês, vocês digam, então, que não sabem não. Vocês digam assim (a velhinha ensinando): "Nós não sabemos não, vovó. A senhora dança na frente, que nós dançamos atrás. Quando nós aprendermos, nós dançamos na frente de vovó". Quando ela for dançando na frente, vocês dão um empurrão nela dentro do tacho. Vocês dois, os dois juntos, dêem um empurrão nela que ela cai dentro do tacho. Quem vai morrer é ela.

Bem assim fizeram. Vieram embora. Chegaram e a velha disse:

- Agora, vão para a fonte.

Foram para a fonte. Quando chegaram da fonte, botaram água no tacho, botaram no fogo e acenderam. Picaram fogo. Quando a água do tacho estava fervendo, ela mandou-os dançar. E a velhinha tinha dito: "Quando a velha cair dentro do tacho e disser "N'água, meus netinhos ", que é para vocês caírem também, vocês digam assim: "Azeite, minha avó! " E

quando vocês matarem a velha, quando ela morrer, vocês a tiram de dentro do tacho. Dentro dela, tem cobra, tem toda fera brava. Vocês matam tudinho. Mas tem também dois cachorros e uma espingarda. Vocês tiram a espingarda para vocês e os dois cachorros vocês não matem não. Agora, o resto, o que for de cobra, tudo o que for de fera, podem matar. E os nomes dos cachorros são: de um Pensamento e de outro Cortavento.

Assim eles fizeram. Quando a água estava fervendo, a velha disse:

- Já está fervendo. Agora vocês dançam os dois aí na frente.

Eles disseram:

- Não, a velha dança na frente que nós dançamos atrás. Assim vai nos ensinando. Nós não sabemos.

Ela, então, ensinou:

- E assim: saiu pisando, rodando.

Eles se juntaram em cima da velha, deram um empurrão, ela virou no tacho: tchá, dentro d'água. Ela aí:

- Água, meus netinhos!

Eles diziam:

- Azeite, minha avó!

Ficou até quando ela morreu, gritando. Eles viraram o tacho, derramaram a água, abriram a barriga da velha. Quando abriram, acharam aquilo de que a velhinha tinha falado. A espingarda eles tiraram. O resto eles mataram: caça brava, todas as feras do mato: cobra, caranguejeira, cascavel, tudo. E os cachorros eram para eles criarem. José e Maria criaram os dois cachorros.

Segunda Parte

Quando eles terminaram de fazer esse trabalho com a velha, Maria disse:

- Agora vamos embora, nós não vamos ficar aqui não.

Aí viajaram. Para o mato mesmo. Já muito longe, José falou:

- Agora, Maria, nós ficamos, vamos fazer um paradeiro por aqui, aqui no meio da mata.

Fizeram uma latadinha de palha de pindoba, de gravata e entraram para debaixo. Passaram muito tempo debaixo dessa latada, dessa tocinha. Um dia, José saiu para caçar. Maria ficava sempre no rancho. Aí chegou um bicho. A gente chama um bicho mas era um homem que iludiu Maria. Chegou este bicho perguntando a Maria se ela queria morar com ele. Se ela quisesse, era para ele dar fim a José, que se José visse esse bicho, ele o mataria. Maria ficou sem juízo, influenciada pelo bicho, e traiu José. Fez uma traição a José. Pois o bicho tinha falado:

- Quando José sair, você diga que não é para levar os cachorros, é para deixá-los amarrados. (Assim ele poderia dar fim a José lá no mato, que ele não poderia fazer nada sem os cachorros.)

Um dia, Maria foi e disse:

- Zé, amanhã eu quero que você deixe os cachorros, porque anda aqui um bicho querendo me comer.

- Está bem.

Ele deixou os cachorros amarrados. Todos dois. E se mandou para o mato. Lá no mato, ele tentou subir numa árvore que tinha uma abelha. Ele subiu com a espingarda. Mas quando estava lá em cima, o bicho chegou:

- Desça daí!

Ele respondeu:

- Não desço!

- Desce, não desce; desce não desce... Aí ele gritou pelos cachorros. Os cachorros amarrados... Lá uma hora, porém, ele gritando por Pensamento e Cortavento - "Oôô Pensamento, ôôô Cortavento!" - de repente, os cachorros, que escutaram a voz do amo, quebraram a corda e escapuliram. Quando o bicho deu fé, eles riscaram em cima. Pegaram o bicho e o mataram. José desceu da árvore e veio embora para casa:

- Maria, um bicho quase me mata.

- E foi?

- Foi.

- Você matou o bicho?

- Matei. Os cachorros mataram.

Resolveram, então, ir embora:

- Não vamos ficar aqui mais não.

Aí viajaram no mato de novo. Foram caminhando. O que eles achavam, comiam. Já tinham virado bichos também. Já eram grandes. José já era homem e Maria também já era mulher. Um dia, passavam por um talhado, um talhado muito alto, bem certinho, Maria foi e falou:

- Olhe, Zé, venha olhar aqui!

José veio e olhou. Quando estava olhando, ela deu um empurrão nele, ele desceu cabeça abaixo. Mas quando ele desceu, os cachorros desceram atrás. E o pegaram cá embaixo. E ela ficou cá em cima achando graça. Ele deu o caso por menos. Muito tempo depois, acho que ela já tinha esquecido o que havia feito, passaram por outro talhado do mesmo jeito. Aí ele falou:

- Olhe, Maria! (Do mesmo jeito que ela). Ela chegou, olhou e ele a empurrou.

Ela desceu cabeça abaixo e morreu. Os cachorros não desceram atrás para salvá-la, pois ela tinha sido falsa a ele, por duas vezes. Morreu Maria, só ficou ele.

Terceira Parte

José viajou com os cachorros durante muito tempo. Quando foi lá um dia, ele quis sair na estrada que passava na mata. Saiu na estrada, pulou do outro lado, desceu estrada abaixo. Viajou, viajou, quando foi quase perto do meio-dia, chegou a umas pedreiras. Uma moça estava sentada lá em cima de uma pedra, chorando. Ele, então, pensou: " Ali é uma pessoa. " Encaminhou-se para lá. Chegou lá, ela estava com a cabeça baixa chorando. Ele perguntou:

- A senhora chora por que?

- Eu estou chorando porque o meu pai me botou aqui como isca para um bicho, uma fera, que está comendo o povo e que vai entrar na cidade. As iscas todas se acabaram. Só restava sua filha.

O pai dela era o rei que dominava a cidade. José perguntou:

- Que fera é essa?

- Uma fera brava que aqui não tem quem mate. E passa aqui ao meio-dia.

-É?

- O senhor corra, não fique aqui não, que o bicho está chegando.

- Não. A senhora vá embora, que eu fico no seu lugar.

Ela refletiu que não dava certo. Quando chegasse em casa, o pai a mataria, pois ela tinha corrido. O bicho ia atrás, ia entrar na cidade.

- Não. Eu só saio daqui quando o bicho chegar.

Aí ele disse:

- Então, eu fico por aqui.

E ficou. Logo depois, ela lhe apontou:

- Olha, está ouvindo aquela zoada? E o bicho que já vem.

- E é?

Aquela zoada! Já vinha para comer a isca que estava vendo. Mas quando o bicho chegou, José gritou pelos cachorros que pegaram o bicho e o mataram. Ele disse para a moça:

- Agora você vai embora para casa de seu pai, que eu vou viajar, entrar aqui na mata.

Ela, porém, lhe disse:

- Não, não é para você ir não, que é para eu mostrar quem matou o bicho, a fera. Você vai comigo para a cidade.

Aí ele lhe explicou:

- Eu não posso ir não por causa de meus dois cachorros. São umas feras.

- Não, tem nada não. Vamos embora.

Levou-o para a cidade. Quando chegou perto, ela o deixou escondido, porque ele andava nu. Chegou ao pai e contou o que tinha acontecido. O pai duvidou mas ela confirmou:

- Não, o bicho foi matado.

Aí o príncipe que ia casar com essa moça, quando ouviu a história, correu e foi reparar o bicho. O rei disse logo que a filha se casaria com o rapaz que tinha matado a fera. O príncipe, então, chegou lá, achou o bicho morto, tirou suas duas presas e trouxe. As segundas presas, pois José já havia tirado as primeiras, estava com elas. Foi tanta gente que foi tirar as presas:

- Olha aqui, rei meu senhor, as presas do bicho! Quem matou fui eu. Mas ele dizia:

- Não, não foram vocês que mataram.

A moça teria que casar com quem tinha matado a fera ou o pai lhe passaria a forca, lhe cortaria o pescoço. Enquanto isso, ela comprava roupa, calçado, tudo para o rapaz. Para o caboclo que tinha matado o bicho. E sem dizer nada ao pai. Costurava de noite. Quando foi a certa hora do terceiro dia, ela tinha aprontado tudo. Levou José à barbearia para fazer o cabelo e fazer a barba. E aí o levou para a casa do pai, vestido já. E os dois cachorros atrás. E a espingarda. Chegou lá, ela disse:

- Olhe, papai, quem matou o bicho foi este.

José mostrou as primeiras presas do bicho que tinha tirado. O pai, então, perguntou:

- Foi esse mesmo?

- Foi. Os cachorros dele.

Agora aí, o rei mandou chamar o outro e o levou para forca, pois ele iria se aproveitar da ausência de José para casar com a moça. Cortou-lhe o pescoço! E a moça casou com o caboclo. Casou com este índio, esta princesa! Foram três dias de festa. Depois dos três dias, os cachorros se desgostaram e foram embora. E ele só ficou com a mulher.

E acabou a história.

Historias de Zacarias Antônio Leocadio



Zacarias Antônio Leocádio nasceu em 1905, em Tabuleiro Grande (fora da Reserva Kiriri). Seu pai foi se distanciando à procura de caça e morou muitos anos longe. Zacarias sempre foi lavrador. Sua escola, como disse, "foi ferro de roça".

O Encantamento da Véia

Fala do Contador

Uma casião, a gente fez um prano de ir pra mata pruma caçada. Quano nós che gamo na mata, no pé de uns umbuzeiro, se arranchemo. Toda caça que nós, Deus ajudou que nós materne, na rancharíá do umbuzeiro, nós retaiamo, muqueemo. Nós tava pra dormir - passar a noite -foi quano chegou um bicho na formosura de um homem, da canela fina e o chapéu grande pareceno uma urupemba, dizem assim:



Desenho de Noélia - 16 anos - 2ª série

- *Caçador, ocês agora vão comer os cachorro e essas caça toda. Quano acabar de ocês comer os cachorro e as caça, eu vou e como tudo, também.*

Aí os caçador dissero assim:

- *Valha-me, meu Jesus! Nós morre tudo. Nós num vamo comer cachorro e as caça. E o bicho come nós.*

Nisto, o bicho aperreano os caçador, que era nós... Quano vinha uma véia dizeno assim, longe:

- *Hoje eu rasgo, eu hoje eu mato, faço tudo na vida! Hoje eu furo, faço tudo na vida!*

Os caçador disse:

- *Pronto, que nós já tamo rúim com este bicho, e vem outro ali mais feroz.*

Aí, lá vem:

- *Hoje eu mato, hoje eu furo, hoje eu rasgo, faço tudo na vida!*

Aí, quano chegou, o bicho tava apressano os caçador:

- *Come os cachorro, come as caça, adepois eu lhe como.*

Esse que vinha dizeno assim, que rasgava e furava e fazia tudo na vida, foi e disse assim:

- *E no fim, eu lhe como também.*

E foi agarrano na perna do bicho que o bicho juntou no mundo. E o outro atrás. E desapareceu. Só via pau quebrar na mata! Aí agora, com muitos tempe, a véia voltou, conversano. Quano chegou, era um preá. Aí falou:

- *Meus fio, pode cender o fogo que ocês, num tem quem bula cum ocês. Eu fico por aqui pasturano. Quem bolir, eu enrabo ou como. Mas ocês, eu num bulo não.*

(Em 11 de novembro de 1995)

O Encantamento da Velha

Português Oficial



Uma ocasião, a gente fez um plano de ir à mata para uma caçada. Quando nós chegamos lá, nos arranchamos num pé de umbuzeiro. Toda caça que Deus ajudou que nós matamos, na rancharia do umbuzeiro, nós retalhamos e moqueamos. Nós estávamos para dormir - passar a noite - quando chegou um bicho na formosura de um homem, da canela fina e chapéu grande parecendo uma urupema. Vinha dizendo assim: "Caçadores, vocês agora vão comer os cachorros e essas caças todas. Quando vocês acabarem de comer os cachorros e as caças, eu vou e como vocês todos também".

Aí os caçadores disseram assim:

- Valha-me, meu Jesus! Nós morreremos todos. Nós não vamos comer os cachorros e as caças. E o bicho vai nos comer.

Desenho de Noélia - 16 anos - 2ª série

O bicho continuou aperreando os caçadores (que éramos nós). Nisso, apareceu uma velha gritando de longe:

- Hoje eu rasgo, hoje eu mato, faço tudo na vida! Hoje eu furo, faço tudo na vida!

Os caçadores ficaram aflitos:

- Pronto, que nós já estamos ruins com este bicho, agora vem outro ali mais feroz.

E lá vem:

- Hoje eu mato, hoje eu furo, hoje eu rasgo, faço tudo na vida!

Quando a velha chegou, o bicho estava apressando os caçadores:

- Comam os cachorros, comam as caças. Depois, então, eu como vocês.

Ela, que vinha gritando, assim, que rasgava e furava e fazia tudo na vida, foi e disse:

- E no fim, eu como você também.

E foi agarrando na perna do bicho que arribou no mundo. E ela atrás. E desapareceram. Só se via pau quebrar na mata! Aí agora, com muito tempo, a velha voltou, como um preá de espinho, conversando. Falou então:

- Meus filhos, podem acender o fogo e dormir sossegados que o bicho não bole mais com vocês não. Eu fico por aqui pasturando. Quem bulir eu enrabo ou como. Mas, com vocês, eu não bulo não.

As Trova do Caboco

Fala do Contador

Um índio, uma casião, resolveu a sair da casa dele pra percurar trabaio e pra ganhar o dinheiro. Falou pra muié dele, disse:

- Muié, fica aí que eu tou na necessidade; eu vou ganhar um dinheirinho por ai.



Desenho de Elisângela - 16 anos - 3ª série

Neste tempo, o povo era longe dum a outro. Aí encontrou um home no caminho, na estrada, que ia viajano tombém:

- Pra onde vai, caboco?

- Eu vou por aqui caçar um ganho, pr 'eu ganhar que eu tou sem refrigério

- O vamo lá pra casa que eu tenho trabaio. Na roçage.

O homem voltou da estrada, da viagem dele e levou o caboco lá. Chegou lá:

- Muié, arranjei um trabaidor. Voltei. Vou mostrar...

Ele tava de prana derrubar uma mata. Aí deu de comer o caboco e levou na mata. Ele tava de prano, derrubar uma mata. Aí ele deu de comer ao caboco e lhe levou na mata. E marcou o quadro da mata:

Aí, caboco, eu quero por aqui, por aqui, por aqui e por aqui. (Chegou nos quatro canto). E eu vou viajar, meu caboco fica trabaiano aí. No fim do mês, eu chego. (Que era no começo do mês). E a muié fica aí pra lhe dar de comer. Chama por Deus e faça o que puder. Inté mais.

E aí viajou. E o caboco ficou trabaiano. O dia manhecia, ele pegava no trabaio, a muié ia levar de comer a ele lá, e ele só chegava de noite na casa. E passa dia, e passano dia, inté chegou a data do home chegar. Quano chegou:

- Muiê, cadê meu caboco?

- Tá lá, na mata. Vem tomar banho pra comer.

- Não. Vou lá donde tá meu caboco. Só como mais ele.

Aí, ele foi. Ele amuntou no cavalinho e foi pra mata. Chegou lá, o caboco, tá-tá-tá, na mata. E aí:

- *Caboco!*

- *Nho!*

- *Cheguei.*

- *Chegou, meu amo?*

- *Cheguei.*

- *Como vai aí?*

- *Tou acabaño de acertar este canto da sua roçagem.*

- *Rapaz, com quantos home ocê trabaizou, caboco, aqui?*

- *Foi só eu e as força de Deus.*

- *Mas trabaizou muito. Ah, rapaz!*

Aí conversinha, como vai, o caboco trabaiano, acabou, né?.

- *Acabei, pronto!*

- *Vumbora.*

- *Vamo.*

- *Vamo que eu tou com fome e o caboco também tá.*

Aí foro pra casa. Aí chegaro lá, a muié botou a janta e o caboco ficou numa ponta da mesa e o home de outra, né? Aí, vamo mexer os prato. Quano tá no meio da comida, o home foi, disse assim:

- *Caboco, eu vou contar o dinheiro seu e vou contar outro do mesmo tanto que ocê ganhou. Eu conto outro aqui. E vamo dizer 5 palavra, trovada. Eu digo e o senhor diz. Se o senhor errar ou gaguejar, ocê perde o seu. E botou a ruma do dinheiro aqui, do caboco, e o dele aqui. Se o caboco acertar com a trova que eu vou dizer, o dinheiro é todo do caboco.*

A muié:

- *Marido, não faça assim com o nosso caboco não, que o caboco é tolo e vai perder. Ele num vai assuntar o que ocê vai dizer.*

Aí o caboco parou a comida e disse assim:

- *Oxém, oxém, dona! Eu perco até minha vida, avalei dinheiro.*

- *Mas, caboco, ocê sofreno chuva, sofreno sole e o espinho, e meu marido quer tomar o seu dinheiro, rapaz! Aí é ele tornano com dó de pagar!*

O caboco parou a comida e disse:

- *Diga logo, meu amo.*

Pois vou dizer:

- *Caboco, toda abeia preta é arapuá, caboco.*

Ele respondeu:

- *Meu amo, todo remédio de nego é manguá.*

- *Caboco, todo caju doce é rasteiro.*

- *Meu amo, toda moça bonita é faceira.*

- *Caboco, todos cavalo gordo é de sela*
- *Meu amo, todas muié véia é banguela.*
- *Caboco, quem manda a roda é o reio*
- *Meu amo, todo nego nu é feio*
- *O homem já via que perdia.*
- *Caboco, tudo que faz leira é coentro.*
- *Oxém, meu amo, é dizeno e perdeno sempre.*

Só foi agarrar...

- *E bota pra cá meu dinheiro.*

E arrastou. Aí a muié do home ficou alegre:

- *Viva Deus, meu caboco ganhou!*

(Em 11 de novembro de 1995)

As Trovas do Caboclo

Português Oficial

Um índio, uma ocasião, resolveu sair da casa dele procurando trabalho para ganhar dinheiro. Falou para a sua mulher:

- Mulher, fica aí, que estou na necessidade, eu vou ganhar um dinheirinho.

Nesse tempo, as pessoas ficavam longe umas das outras. Aí encontrou um homem no caminho, que ia viajando também:

- Para onde vai, caboclo?

- Eu vou por aqui procurar um ganho, que eu estou sem refrigério.

- Ô vamos lá para casa, que eu tenho trabalho na roçagem.

O homem voltou da estrada, da viagem dele, e levou o caboclo lá.



Desenho de Valdemir Jesus da França - adolescente - alfabetização

Chegou:

- Mulher, arranjei um trabalhador. Voltei. Vou mostrar o serviço para o meu caboclo.

Ele estava com um plano de derrubar uma mata. Aí, deu comida ao caboclo e levou-o lá. E marcou o quadro na mata:

- Caboclo, eu quero aqui, por aqui, por aqui e por aqui. (Chegou aos quatro cantos.) Eu vou viajar e meu caboclo fica trabalhando aqui. No fim do mês, eu chego. (Era começo do mês.) E a mulher fica aí para lhe dar de comer. Chame por Deus e faça o que puder. Até mais.

E aí viajou. E o caboclo ficou trabalhando. O dia amanhecia, ele pegava no trabalho, a mulher ia lhe levar comida e ele só chegava de noite em casa. E passa dia, e passando dia, até que veio a data do homem chegar. Quando chegou:

- Mulher, quede meu caboclo?

- Está lá na mata. Vem tomar banho para comer.

- Não. Vou lá onde está meu caboclo. Só como com ele.

- Então, ele foi. Montou no cavalinho e foi para a mata. Chegou lá, o caboclo: tá-tá-tá, na mata.

- Caboclo!

- Nho!

- Cheguei.

- Chegou, meu amo?

- *Cheguei. Como vai aí?*
- *Estou acabando de acertar este canto de sua roçagem*
- *Rapaz! Com quantos homens você trabalhou, caboclo, aqui?*
- *Fui só eu e as forças de Deus.*
- *Mas trabalhou muito! Ah, rapaz!*

Aí conversinha... como vai... o caboclo trabalhando... acabou o trabalho.

- *Acabei, pronto!*
- *Vamos embora.*
- *Vamos.*
- *Vamos, que eu estou com fome e o caboclo também está.*

Foram para casa. Chegaram lá, a mulher botou a janta e o caboclo ficou numa ponta da mesa e o homem na outra. Aí, passaram a mexer os pratos. Quando estavam no meio da comida, o homem foi e disse assim:

- Caboclo, eu vou contar o dinheiro seu e conto outro aqui do mesmo tanto que você ganhou. E vamos dizer 5 palavras, trovadas. Eu digo e você diz. Se você errar ou gaguejar, você perde o seu. (E colocou a ruma do dinheiro do caboclo aqui e a outra ali.). Se o caboclo acertar com as trovas que eu vou dizer, o dinheiro é todo do caboclo.

A mulher:

- *Marido, não faça assim com o nosso caboclo não, que o caboclo é tolo e vai perder. Ele não*

vai prestar atenção ao que você vai dizer.

Aí o caboclo parou a comida e disse:

- Oxém, oxém, dona! Eu perco até minha vida, quanto mais dinheiro.

- Mas, caboclo, você sofrendo chuva, sofrendo sol e os espinhos, e meu marido o seu dinheiro, rapaz,! Aí é ele tomando com dó de pagar.

O caboclo, então, disse:

- Diga logo, meu amo.

- Pois vou dizer:

- Caboclo, toda abelha preta é arapuá.

O caboclo respondeu:

- Meu amo, todo remédio de negro é manguá.

- Caboclo, todo caju doce é rasteiro.

- Meu amo, toda moça bonita é faceira.

- Caboclo, todo cavalo gordo é de sela.

- Meu amo, toda mulher velha é banguela.

- Caboclo, quem manda a roda é o relho.

- Meu amo, todo negro nu é feio.

O homem já via que perdia.

- *Caboclo, tudo que faz leira é coentro.*
- *Oxém, meu amo, é dizendo e perdendo sempre.*
- *E bote para cá meu dinheiro.*

E arrastou. Aí a mulher do homem ficou alegre:

- *Viva Deus, meu caboclo ganhou!*

HISTÓRIAS KIRIRI

Projeto de Formação para o Magistério Indígena *na* Bahía

Universidade Federal da Bahia /MEC

Salvador - Bahia - 2000



UFBA
FUNAI • UNEB

MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)